

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

MANU ROCHA DE MATOS

De mãos em mãos:

Uma etnografia de manicures na cidade de Florianópolis (SC)

FLORIANÓPOLIS
2021

MANU ROCHA DE MATOS

De mãos em mãos: Uma etnografia de manicures na cidade de Florianópolis (SC)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.
Orientadora: Profa. Dra. Viviane Vedana

FLORIANÓPOLIS,
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da
UFSC.

Matos, Manu Rocha de

De mãos em mãos : Uma etnografia de manicures na cidade
de Florianópolis (SC) / Manu Rocha de Matos ; orientadora,
Viviane Vedana, 2021.

94 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências
Sociais, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Antropologia Urbana. 3. Artes
de fazer. 4. Práticas cotidianas. 5. Manicures. I. Vedana,
Viviane. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Manu Rocha de Matos

De mãos em mãos: Uma etnografia de manicures na cidade de Florianópolis (SC)

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do Título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, 24 de maio de 2021.

Prof.^a Dr.^a Letícia Cesarino.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Viviane Vedana
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Maria Soledad Etcheverry Orchard
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Scott Correll Head
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedicatória

Dedico este trabalho às manicures, às trabalhadoras urbanas,
e a todo o povo de salão de beleza.

Agradecimentos

À minha mãe que sempre incentivou meu gosto pela leitura e escrita, sempre foi meu alicerce nesse mundo, e tudo o que é meu é dela primeiro. Ao meu padrasto Jairo, que não poupou esforços para transformar uma casa com tantas diferenças num lar.

Ao meu namorado Thiago, que me ensinou a arte sublime de colecionar palavras e vivências. Me mostrou como cada memória da vida pode ser guardada para ganhar seu lugar no mundo numa genuína explosão artística, sem pressa, sem cobrança, no momento certo. Agradeço por nunca ter soltado minha mão.

À minha irmã Ariane, e minha sobrinha Aisha, por torcerem sempre por mim, mas principalmente, por serem referências de bom caráter e integridade.

Às minhas amigas Karina, Silviana, Yasmin, Sthefany, e Monique, que me inspiram diariamente a tratar a força feminina com louvor, como numa prece.

Às manicures de minha pesquisa, minhas interlocutoras, por confiarem em mim e me fornecerem material humano com o qual pude tecer esse trabalho. Agradeço com carinho pelas conversas, e pelo afeto que me deram ao longo desses anos todos.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Viviane Vedana, pelas conversas incansáveis e frutíferas, mas principalmente por me guiar quando nem eu sabia onde queria chegar. Agradeço também por sua dedicação e sinceridade.

À Universidade Federal de Santa Catarina, em especial ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas, pela oportunidade impagável de formação.

Um agradecimento especial à Prof.^a Dr.^a Maria Soledad Etcheverry Orchard e ao Prof. Dr. Scott Correll Head por terem sido figuras importantes no meu processo formativo, me mostrando como bons professores deixam boas marcas na subjetividade dos seus alunos. Agradeço ainda por se disporem a me ouvir e indicar boas leituras para o tema.

RESUMO

Este trabalho se apresenta como uma etnografia interpretativa de salão de beleza na cidade de Florianópolis (SC), tendo as manicures como interlocutoras e suas práticas cotidianas como foco de interesse. Através dessa pesquisa procurei descrever e analisar os saberes e fazeres das manicures, com uma perspectiva que levou em conta suas trajetórias, habilidades e processos de aprendizado. Abordei ainda alguns aspectos das sociabilidades próprias do salão de beleza, e mostrei como fazer as unhas, atividade profissional mais essencial do grupo pesquisado, pode representar uma gama complexa de relações e significados socioculturais, que envolve cuidado, comunhão, técnica, dor e arte. A pesquisa foi realizada através da observação participante e aplicação de entrevistas semiestruturadas; os dados coletados em campo foram analisados com textos próprios da Antropologia Urbana e da Microsociologia.

Palavras-chave: Manicures; Arte de fazer; Habilidades; Técnicas; Antropologia Urbana.

ABSTRACT

This work presents itself as an interpretative ethnography of a beauty salon in the city of Florianópolis (SC), with manicurists as interlocutors and their daily practices as the focus of interest. Through this research, I intended to describe and analyze the knowledge and practices of manicurists, with a perspective that took into account their trajectories, skills and learning processes. I also addressed some aspects of sociability of the beauty salon, and showed how to do nails, the most essential professional activity of the researched group, can represent a complex range of sociocultural relationships and meanings, which involves care, communion, technique, pain and art. The research was carried out through participant observation and applying semi-structured interviews; the data collected in the field were analyzed with texts from Urban Anthropology and Microsociology.

Keywords: Manicurists; Arts of making; Skills; Techniques; Urban Anthropology.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA	14
3. O CONTATO COM O CAMPO	21
3.1. MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA CULTURAL.....	24
4. FAZER AS UNHAS É TÉCNICA	29
4.1. O TOQUE	30
4.2. COORDENAÇÃO, HARMONIA E RITMO	34
4.3. OS MATERIAIS	43
5. FAZER AS UNHAS É ARTE	49
5.1. SE NÃO TIVER A GENTE ADAPTA.....	50
5.2. ARTE COMO LINGUAGEM E AGÊNCIA	54
6. FAZER AS UNHAS É COMUNHÃO	59
6.1. TROCAS E AFETOS.....	59
6.2. TODO MUNDO ODEIA AMAR AS MÁS LÍNGUAS	65
7. FAZER AS UNHAS É DOLORIDO	70
7.1. INTERAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS CONSERVADORAS	70
7.2. O SALÃO É PARCEIRO DE VERDADE?	78
8. CONCLUSÃO	85
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
10. ANEXOS	91

1. INTRODUÇÃO

Todos os dias a rotina é a mesma, de segunda à sábado. Acordo cedo, tomo um banho, me arrumo e corro para o trabalho. Chegando lá, organizo a recepção, passo um pano úmido nos móveis para tirar a poeira, ligo o celular da empresa que passou a noite toda desligado, e começo a responder mensagens. Têm poucas pessoas no salão nesse horário, apenas a “moça da limpeza”, uns dois cabeleireiros, e algumas manicures na cozinha tomando café. Já dá para ouvir o burburinho da fofoca acontecendo. Ah, como eu amo fofoca! O telefone toca. Atendo lentamente, ainda sonolento, coloco o headset na cabeça e inicio mais uma vez os diálogos decorados. Tem sido assim há seis anos:

- Manu. Bom dia!

- Bom dia, Manu! Aqui é Thais, eu gostaria de agendar um horário hoje para fazer as unhas.

- Sim, Thais. Você tem preferência por alguém, ou por horário?

- Eu gostaria de fazer com aquela rapidinha nos pés, e com a Mônica nas mãos.

- E qual horário você gostaria?

- Ah, eu estou aqui por perto, posso chegar quando elas estiverem livres...

- Ótimo! Elas estarão livres daqui 15 minutos, estamos te aguardando. Obrigada!

- Ok, logo estou chegando aí. Eu que agradeço!

Quinze minutos depois a cliente chega apressada olhando aflita para dentro do salão. Me direciono pacientemente para ela, sorrio e digo novamente:

- Bom dia, Thais! Você tem horário agora para fazer as unhas, né? – em minha mente isso tudo soa tão mecânico, repetitivo, mas não importa, ela não parece perceber.

- Tenho sim.

- Pode ficar à vontade. Vou avisar às manicures que você está aqui. – Sorrio mais uma vez para ela e deixo a recepção.

Quando já estou de costas, o sorriso some instantaneamente do meu rosto. Ainda estou cansado, mas ser simpático é parte do meu trabalho. Chego na cozinha, dou bom dia a todos e logo anuncio:

- Mônica e Ana, a Thais chegou. Ela está aguardando vocês na recepção.

- Manda ela embora! – diz Mônica rindo da própria piada, ainda segurando sua xícara de café e mastigando uma bolacha de leite. Ela sempre diz isso, às vezes porque a cliente é tão desagradável que será uma tortura atendê-la, às vezes porque diz ironicamente que está ocupada. O fato é que isso já virou seu bordão.

Ana é a primeira a se levantar e correr no meu encaixo. Antes de chegarmos à recepção, a manicure me pergunta qual o serviço que está agendado com ela.

- Eu vou fazer pé ou mão?

- Não lembro, Ana. Pode olhar na sua agenda. – na verdade eu lembro, mas não quero alimentar maus hábitos, cada um deles deve estar atento à própria agenda. Pode parecer cruel, mas setorizar as atividades também serve para não sobrecarregar. Ela retorna um pouco, vai até o computador dos profissionais, onde eles possuem acesso às suas agendas, dá uma olhada rápida e corre novamente para encontrar sua cliente. Chegando a recepção, Ana se dirige a mim:

- Pode me passar o kit? – pergunta, se referindo ao kit com materiais descartáveis para fazer as unhas.

- Claro. – abro a gaveta do balcão, retiro dois kits, um para pedicure, um para manicure e entrego para ela, esperando que repasse o outro a sua colega.

- Obrigada, Manu.

- Não por isso.

A manicure se volta para sua cliente. Sorri forçosamente e diz:

- Bom dia, querida! Vamos indo fazer as unhas?

A cliente levanta, ainda ansiosa, apressada. Segue a manicure sem dizer nada. Antes de sair da recepção, posso ouvir de longe a profissional oferecendo-lhe algo para beber. O telefone toca, e começa tudo de novo.

O setor econômico de beleza e estética têm aumentado consideravelmente no Brasil. De acordo com a empresa inglesa de pesquisa e projetos que acompanha o mercado global, a Euromonitor International, existe aproximadamente 500 mil salões de beleza registrados formalmente no país¹, sendo 276 mil deles localizados na região sudeste. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC), o setor teve uma taxa de crescimento anual de 8,2% na última década, movimentando cerca de 100 bilhões de reais por ano, e atraindo diversos profissionais para suas atividades de trabalho.

Essa complexa área de atuação no mercado, abrangendo atividades laborais formais e informais, se apresenta como um terreno fértil para a exploração de dados e desenvolvimento de pesquisas das Ciências Sociais, especialmente em cenários urbanos, onde as complexas redes de relações acompanham tendências e ritmos da globalização e das culturas de massas.

¹ Dado disponível em: <https://buyco.com.br/blog/mercado/mercado-de-saloes-de-beleza>

Esse projeto buscou analisar, na esfera das microrrelações, como os sujeitos que compõem essa rede constroem seu cotidiano, organizam suas práticas, interagem simbolicamente com o espaço e com o grupo ao qual pertencem, fabricando sentido para suas experiências de vida e trajetória profissional.

Nesse sentido, a ideia era desenvolver uma etnografia de salão de beleza na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, tendo como interlocutoras as manicures; profissionais que pertencem a uma categoria de trabalho extremamente discriminada no meio de atuação, seja por conta da pouca valorização que costumamos dar aos prestadores de serviço com “baixa especialização”², ou por questões de gênero, levando em consideração que essa é uma profissão historicamente de mulheres.

A pesquisa se enquadra na área de conhecimento da Antropologia Urbana, e teve como pano de fundo o cenário sociocultural próprio do bairro Santa Mônica, uma região habitada e frequentada por uma parcela populacional de classe média com bom poder aquisitivo. O salão de beleza em questão possui vinte anos de história, é amplamente reconhecido pela comunidade local, atendendo um público massivamente feminino, branco, e fidelizado, inclusive por mais de uma geração dentro de uma mesma família.

Nos primeiros capítulos, “O pesquisador e o campo” e “Memória e experiência cultural”, busquei descrever e refletir acerca do contato com o campo ao longo de minha trajetória individual, constituindo, assim, o salão de beleza como um lugar de trocas e experiências culturais que se transforma constantemente e assume novos significados na história de vida de cada pessoa que atua nesse meio.

No capítulo “Fazer as unhas é técnica” começo a me debruçar, efetivamente, sobre aquilo que poderia se entender como o objetivo central dessa pesquisa; o qual seja, entender como as práticas cotidianas das manicures no mundo do trabalho, expressas majoritariamente pela máxima “fazer as unhas”, denota um apanhado complexo de relações e significados socioculturais passíveis de análise antropológica. Neste capítulo argumentei que fazer as unhas envolve técnica, um processo de aprendizado culturalmente estruturado, incorporação de saberes, e desenvolvimento de habilidades, que ajudam a sustentar um trabalho de minúcia, concentração, e destreza artesã.

O próximo título do trabalho, “Fazer as unhas é arte”, mostra como o salão de beleza, apesar de não possuir um discurso ideológico homogêneo, recebe diversas representações de grupos e pessoas que dominam o campo da moda e da indústria da

² Coloquei essas palavras entre aspas porque essa noção será melhor desenvolvida já no primeiro capítulo deste trabalho.

beleza no país e no mundo, estabelecendo uma coerência entre estrutura e processos da vida cotidiana, e como essas imagens se tornam parte de uma coleção difusa de peças que são mobilizadas nas maneiras de fazer das manicures através de um trabalho de bricolagem e produção artística. Elas inventam e fazem as formas e cores, ou a estética, das unhas de carnaval, de natal, da páscoa, e, até mesmo, do dia dos namorados. Mostrarei ainda como a arte de fazer as unhas é expressa através da linguagem e da agência de minhas interlocutoras.

Em “Fazer as unhas é comunhão” busquei fazer uma apresentação das formas de sociabilidade próprias do salão de beleza, refletindo um pouco acerca do papel da fofoca como elemento da fala que cria vínculos, estabelece um código de honra para as relações e, eventualmente, incorre em conflitos. Minha intenção aqui era mostrar como o salão representa um lugar de encontro para diferentes pessoas, com diferentes ideologias, diversos gostos e inclinações, e que devem aprender a estar juntas dia após dia.

No capítulo de encerramento, “Fazer as unhas é dolorido”, expus quais são as dores do fazer as unhas, seja de ordem das interações sociais, trazendo à tona uma perspectiva que trate das práticas conservadoras no salão de beleza, ou ainda, abordando questões que envolvem as doenças laborais e as violências institucionais à categoria de trabalho das manicures.

2. METODOLOGIA

Um estudo que aborda práticas cotidianas e trajetórias nos impressiona justamente por expor que até mesmo no salão de beleza, lugar associado socialmente às coisas rasas, superficiais, como o cuidado excessivo e desconcertante com padrões estéticos do corpo, à vaidade, à conversa fiada ou fofoca, podemos encontrar uma rede complexa de trocas e significados desconhecida até mesmo do seu público mais assíduo.

Por seis anos fui e ainda sou funcionário desse espaço e resolvi desempenhar nele meu papel recém-notado de cientista social, tentando botar em prática toda aquela teoria crítica e metodológica que aprendemos ao longo dos anos no curso de Ciências Sociais. Entretanto, a tarefa não foi fácil, principalmente pelas dúvidas e incertezas que a falta de experiência no desenvolvimento de uma pesquisa e elaboração de um trabalho de campo podem trazer a um graduando prestes a se formar.

A minha primeira intenção de pesquisa era estabelecer um diálogo com um grupo de profissionais que atua no salão de beleza. O grupo que me despertou maior interesse foi o das manicures, justamente pelo fator “conversa de salão” me parecer mais potente, coeso, ou até mesmo mais estruturado, quando agenciado por elas. Talvez essa impressão diga mais sobre mim mesmo do que sobre a experiência cultural do salão propriamente dita, por isso fiz questão de deixar registrado de antemão, já nos primeiros capítulos, algumas coisas acerca da minha memória no campo, ressignificação das práticas e do espaço ao longo dos anos, e o meu lugar específico dentro deste contexto cultural. No entanto, o importante a ser ressaltado agora é que no início da prática etnográfica eu tinha uma noção muito limitada do que queria e podia fazer no decorrer da pesquisa. Eu só sabia que queria conversar com as manicures. O auxílio para questões de ordem teórica e metodológica surgiu quando pedi auxílio à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Viviane Vedana, ao que ela me pediu para eu escrever o que tinha em mente, mesmo que parecesse confuso à primeira vista, pois só a partir daí ela seria capaz de entender minhas inquietações e me ajudar a achar o melhor caminho para as classificações a serem organizadas.

O meu processo de escrita foi afetado diretamente pelo ritmo e espaço do salão. Boa parte das palavras que escolhi e das frases que construí surgiu da minha imersão no local e da interação com as pessoas. Inúmeras vezes selecionei palavras e formulei frases mentalmente que nunca foram registradas nessas páginas. Isso se deu principalmente por conta das conversas cruzadas, interrupções no momento de escrita, andanças e descoberta

de sentenças e termos mais representativos. Tudo isso aconteceu naturalmente. Às vezes eu me via questionando a mim mesmo se eu tinha capacidade de elaborar um quadro de classificações coerente acerca do trabalho que estava propondo. Entretanto, tive uma descoberta maravilhosa nesse período. Eu não sei como, nem porquê, mas entendi que todos esses anos desempenhando estudos sistemáticos em Ciências Sociais, me ajudaram, mesmo que de forma inconsciente, a desenvolver uma habilidade de olhar e organizar os processos sociais inerentes ao meu objeto de pesquisa. Talvez isso seja resultado da educação da atenção. Quando você se propõe ao trabalho etnográfico, parece que surgem gatilhos em sua mente que te ajudam a perceber coisas que antes passavam despercebidas. Cada frase dita, cada gesto, expressão facial, olhar, ou risada de cumplicidade, se tornaram pedaços de uma colcha de retalhos em minha memória, documentos íntimos de pesquisa, saberes que só são possíveis acessar por causa do encontro com o outro, a maioria deles não serão comunicados expressamente, mas as marcas que causaram em mim me ajudaram a edificar esse texto e fizeram parte de todo o processo de produção deste trabalho.

Ao caminhar pelo salão com um estado de espírito disposto a investigar, ouvir o que o espaço me dizia, participar da fofoca, ou seja, abraçar essa experiência cultural de outro jeito; ampliei todos os meus sentidos para captar os estímulos que chegavam até meu corpo; as conversas; as imagens refletidas em espelhos; os gestos que elaboravam formas em cabelos e unhas; o cheiro dos produtos químicos que me deixavam enjoado, ou do café quentinho que dava conforto; a televisão ligada sem som, apenas com legenda, sendo vista por uma ou duas pessoas no máximo; as frases que se tornaram títulos para alguns capítulos desse trabalho sendo faladas justo quando eu mais precisava delas, “estou bonita, mana?” ou “manda ela embora!”; a cacofonia decorrente dos muitos sons que nos cruzam, vindos da caixa de som sempre ligada tocando música *pop* ou *bossa nova*, do barulho irritante dos secadores de cabelo, das diversas vozes tentando se sobressair a esse barulho todo, das crianças assistindo animação em seus *tablets* ou smartphones enquanto esperam suas mães ficarem prontas, dos carros que passam na rua, das cadeiras de manicures e cabeleireiros que riscam o chão com certa frequência, etc. Não quero dizer com isso que todos esses estímulos não me afetavam anteriormente de alguma maneira, mas foi somente a partir da elaboração de um projeto de pesquisa que me vi tento que construir um sentido inteligível para tudo isso, que busquei organizar de outra maneira minhas emoções e pensamentos dentro de um espaço que já era meu. Nem

sempre consegui, mas tem coisas que são assim mesmo, só possuem sentido quando permanecem fora do plano da razão.

Gostaria de deixar registrado, portanto, que escrever no campo é uma experiência desafiadora e prazerosa. O pesquisador não pode negar as inferências contínuas que os ritmos e fluxos próprios do espaço nos disponibilizam imediatamente, no aqui e agora. A “estória” contida nos objetos, corpos, e sujeitos, numa rede de relações socioculturais entre humanos e não-humanos, está em constante elaboração através das práticas da vida cotidiana, portanto, se você está em campo enquanto escreve, sempre surgirá algo novo, algo que deva ser considerado, ou, até mesmo, algo que poderá colocar em cheque sua análise anterior. O grande benefício talvez seja o acesso à informação quente e privilegiada, e o desafio se dá justamente pelo contato constante com a transformação social do seu objeto. Em diversos momentos enquanto eu escrevia fui interrompido por profissionais ou clientes que me demandavam coisas, por isso palavras e frases ficavam incompletas em minhas páginas com grande frequência, e quando eu podia retomar a escrita de onde parei - às vezes no mesmo dia, às vezes no dia seguinte-, o que estava escrito já não me contemplava tanto assim. Talvez o salão que está em constante transformação também tenha me transformado nesse meio tempo.

Tive por diversas vezes um desconforto ao revisar as entrevistas ou ouvir os relatos de minhas interlocutoras, isso porque existe um embate interpretativo sobre as questões do salão, onde eu e minhas colegas da recepção representamos uma perspectiva, e as manicures representam outra. Entretanto, penso que a boa Antropologia é aquela que está habituada ao desconforto, ao movimento e a transformação. Senti-me satisfeito e grato pelo incômodo. Outra boa descoberta foi a de que eu não preciso anular minha voz ao elaborar uma etnografia, basta que eu localize para o leitor quem sou e qual meu lugar dentro da prática etnográfica. Um dos professores de minha banca de qualificação do projeto disse para mim “eu só achei uma coisa cafona no seu trabalho, quando você diz que vai deixar de lado sua voz para poder se afastar dos seus preconceitos e dar centralidade exclusiva ao que suas interlocutoras dizem e pensam”; esse tipo de postura é mais do que compreensível em alunos das Ciências Humanas, porque ao longo do curso, em diferentes disciplinas, ouvimos de nossos professores que a sociedade questiona se o que estamos fazendo é realmente ciência. Aprendemos com os teóricos clássicos e com as mudanças de paradigmas do campo, sobretudo aquelas da antropologia que teve que organizar novas formas de desenvolver conhecimento quando os objetos de estudo se tornaram os sujeitos da pesquisa, que era importante nos “distanciar” do que achávamos

que sabíamos dos temas, que deveríamos “transformar o familiar em exótico”, dentre tantos outros chavões que aprendemos nesta jornada. Entretanto, o fato é que esses debates se atualizam rapidamente, ainda mais hoje na Era das Comunicações, onde as possibilidades de diálogo entre os polos universitários espalhados pelo mundo estão cada vez mais eficientes. Infelizmente a maioria dos alunos de graduação que conheço não têm acesso a toda essa circulação de ideias, que muitas vezes são monetizadas e não possuem canais públicos de divulgação tão conhecidos. Portanto, foi igualmente prazeroso ouvir que a parte mais incômoda do meu projeto era cafona, representava um tipo clichê antropológico. Foi satisfatório ainda, descobrir o que era óbvio, que o conhecimento antropológico, o saber que se pretende ao investigar o outro, surge da interação, da negociação, do diálogo, e não da supressão de vozes.

Ainda pensando no campo e na escrita, perguntei a mim mesmo acerca do impacto do que eu estava produzindo. Será que se eu fosse de grupo interlocutoras gostaria de ler o que está escrito sobre mim nesse trabalho? Será que eu gostaria de ser descrito por outra pessoa? E quanto aos locais que me pertencem e as minhas relações? Diversas vezes me questionei se não estava vasculhando e tratando com pouco cuidado a intimidade das manicures. Só então, com essas questões em mente, foi que percebi o poder e o perigo da escrita etnográfica. Pessoas que dominam a escrita etnográfica estão comunicando um conhecimento sobre o outro aos seus pares na comunidade científica, mas não podem se esquecer do compromisso ético com os indivíduos envolvidos nesta trajetória. Existem limites que não podem ser ultrapassados, nem para obter o que se consideraria como os melhores resultados. Aliás, o que seria um bom resultado? Ir a campo com muitas convicções não me parece algo tão assertivo assim. Nesse caso, os fins não justificam os meios. Deve-se respeitar o direito das pessoas a sua intimidade, privacidade, imagem e dignidade. É possível ser crítico sem degradar as pessoas, cabe somente ao pesquisador encontrar a melhor maneira de fazê-lo.

Garantir que a escrita tenha um tom respeitoso depende de muito mais do que simplesmente ocultar e/ou modificar nomes. Durante os anos na academia aprendi também que devemos dar um retorno do que é produzido para quem foi diretamente envolvido na etnografia. Mas como dar um retorno da produção para as manicures? A maneira mais fácil que encontrei foi através do compartilhamento de trechos específicos nos quais elas estavam descritas, ou onde suas falas apareciam, ou ainda através de conversas que se davam no balcão e na cozinha, quando tomávamos café, tendo como temática principal as ideias e teorias com as quais eu estava trabalhando para dar corpo

ao material que elas me forneciam. A reação delas ao se reconhecerem no texto, ao identificar as ficções que criei quando modifiquei seus nomes, quando descrevi suas práticas, apresentando também uma forma literária para contar o seu dia-a-dia, foi de surpresa e empolgação, percebi que existia ali um novo elo que nos ligava. Já não consigo olhá-las e entendê-las da mesma maneira, e isso, mais do que qualquer avaliação que se possa ter com esse trabalho, foi de extrema importância para mim. Passei a conhecer minhas colegas, algumas com as quais já convivo há seis anos, para além de minhas certezas inabaláveis, edificadas encima de uma pilha consistente de tijolinhos de sociabilidades frias. Tive o prazer de ouvi-las, de situar suas vozes dentro de uma trajetória complexa de lutas, desafios, conflitos, afetos, contradições e belezas. Essa conexão não tem preço.

Finalmente, é importante ainda explicar como se deu a pesquisa em termos de estratégia de desenvolvimento. O método escolhido foi o etnográfico, planejado através da observação participante, e a realização de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas. Essas práticas me permitiram coletar dados qualitativos acerca da realidade vivenciada pelas manicures, e confrontá-los, posteriormente, com os ensinamentos de bibliografia próprias da Antropologia Urbana e da Microsociologia. Foi feito também um levantamento de artigos e ensaios que abordam questões como técnica, processos de aprendizado, habilidades, práticas cotidianas, projetos e possibilidades, produzidos pela comunidade científica nacional e internacional. A escolha dos textos contou com a ajuda de minha orientadora, e outros dois professores, Prof. Dr. Scott Correll Head e Prof.^a Dr.^a Maria Soledad Etcheverry Orchard.

As entrevistas foram feitas com intervalos de uma semana entre uma e outra. O grupo de interlocução foi composto por nove mulheres brasileiras, com idades que variam de trinta a cinquenta e um anos, de naturalidades diversas, sendo sete delas autodeclaradas brancas e duas negras. As entrevistas aconteceram, prioritariamente, no espaço e nos horários de trabalho das manicures. Assim, a ideia principal era perceber como as elas faziam as unhas, como posicionam e usam seus corpos, quais instrumentos utilizavam, como se relacionavam com o espaço e com as pessoas nos seus entornos.

No início de cada entrevista pedi autorização para gravar a conversa com a intenção de transcrever e citar alguns trechos no desenvolvimento do trabalho, respeitando também o direito ao anonimato. Outra técnica utilizada foi a construção de um diário de campo onde registrei a descrição densa dos nossos episódios de interação,

criando uma imagem textual para as emoções, falas, cheiros, cores, instrumentos, práticas e habilidades, emergentes em cada situação do trabalho etnográfico.

Uma grande consideração a ser feita numa pesquisa qualitativa onde se propõe a prática etnográfica é a localização, o significado e a agência do pesquisador no campo. Foi preciso saber de antemão como o meu corpo pode afetar e ser afetado (FRAVET-SAADA, 1990) na dinâmica do grupo e do local. Assumindo essa premissa, faz-se necessário dizer que minha perspectiva no campo é atravessada por diversos fatores identitários e subjetivos; sou trabalhador do espaço em questão, possuo uma relação próxima de afetividade com as protagonistas da pesquisa, e represento ainda o olhar científico. Ou seja, minha maneira de ver surge do entrelace entre teoria social, amizades, e vícios de percepção próprios do meu lugar enquanto parte integrante do grupo, com os quais tive que aprender a lidar e usar como mote para as negociações de análise que surgiram no decorrer da pesquisa.

Para tanto, entendo que por ser trabalhador do salão obtive vantagens em determinados aspectos e desvantagens em outros. Enquanto vantagens, me via imerso e familiarizado com a linguagem própria do meio, tive acesso à informações privilegiadas, e pude traçar com mais facilidade um paralelo entre o passado e eventos que aconteceram no percurso da investigação. Entretanto, por minha função estar vinculada diretamente à gerência, as manicures podem ter se sentido inibidas de partilhar comigo certas ideias que viessem a questionar a autoridade administrativa do salão.

Reafirmo ainda que este trabalho só foi possível a partir do momento que escolhi me tornar uma consciência reflexiva diante das relações socioculturais que, de uma maneira ou outra, me atravessaram, e, que apoiado nas metodologias e técnicas supracitadas, pude me dedicar a uma investigação antropológica. Portanto, buscando caracterizar o que fiz, expressei que foi no esforço de tradução de minha experiência em campo que pude reinventar uma outra realidade acerca das manicures e de minhas próprias relações sociais no trabalho. Assim, foi no processo de escrita que aconteceu boa parte das negociações entre as diferentes concepções de mundo inerentes ao cenário urbano da vida cotidiana, neste caso, especificamente, o salão de beleza, e que representou, inúmeras vezes, o lado mais desafiador da prática de pesquisa.

A escrita etnográfica não é fácil, ela denota um campo de batalha, o preço que temos que pagar pelo campo (LIMA, 2013), pois é nela que o etnógrafo deve passar por uma *auto-objetivação*, uma vez que, através da imersão chegamos ao momento etnográfico em que habitamos dois campos simultaneamente (LIMA, 2013); e o processo

de escrita acontece como o resultado final desse artifício conflitivo, onde me desapego um pouco de mim mesmo e me impulsiono rumo ao movimento.

3. O CONTATO COM O CAMPO

“Falei antes de andar, embora nunca tenha falado muito, porque, mais do que tudo, eu observava e guardava na memória. Ouvia os outros falarem, mas ouvia menos do que via, suas palavras tomavam forma como imagens, correntes de cores, linhas, texturas e formatos que podia guardar dentro de mim. E o meu dom era recuperar essas imagens a qualquer momento e traduzi-las de volta com as palavras exatas com que foram evocadas”

A dança da água – **Ta-Nehise Coates**

O ano era 2014, eu morava em Florianópolis há quase três anos quando decidi fazer o vestibular novamente, abandonando o curso de Química, para ingressar na graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina. O momento financeiro não era nada confortável para mim e minha família, que a essas alturas era somente minha mãe mesmo, ela era a única que me estendia o braço nas dificuldades. O problema é que ela morava sozinha em outra cidade, no extremo sul do Estado, trabalhando oito horas por dia em regime estabelecido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), ganhando pouco e também pagando aluguel. Eu tinha que me virar. Morei um tempo de favor na casa de um amigo enquanto procurava emprego, e já eram meados de agosto quando fiquei sabendo de uma vaga para recepcionista num “salão de beleza tradicional localizado no bairro Santa Mônica”, assim dizia o anúncio.

Eu não conhecia nada sobre a dinâmica de funcionamento de salões de beleza, e para falar a verdade, fazia alguns anos que também não pisava em algum, pois aprendi a cortar meu próprio cabelo sozinho, assim poupava dinheiro e de quebra ainda tinha controle de pelo menos um fator de minha construção estética. Embora não soubesse muito sobre como funcionava um salão de beleza, ou qual a totalidade dos serviços oferecidos, nem quais requisitos eram necessários para preencher a vaga, acabei por simpatizar com o anúncio, especialmente porque em minha memória a maioria das representações desses espaços eram fortemente ligadas às performances femininas, digo isso incluindo a comunidade LGBTQIA+³ também. Parecia um lugar de trabalho seguro, um espaço onde eu poderia ser “eu mesmo”, sem medo de *dar pinta*⁴, ou me preocupar

³ LGBTQIA+ é sigla que representa a comunidade formada por lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, queers, intersexuais, assexuais, e outras.

⁴ “Dar pinta” é um termo informal utilizado pela comunidade LGBTQIA+ para indicar que um indivíduo age como e parece ser gay, performando feminilidade.

com quem estivesse olhando e quais as violências que poderiam surgir a partir de olhares que desumanizam o diferente.

Cheguei ao salão numa tarde chuvosa de agosto, lembro que esse mês foi um dos mais úmidos desde a minha chegada à cidade. No início fiquei um pouco intimidado por entrar num salão tão grande e cheio de pompa, cujo estacionamento estava repleto de carros grandes e brilhosos, e o peso da formalidade despretensiosa no comportamento das pessoas que ali estavam me fazia encolher na poltrona de espera. Fui recebido por duas mulheres jovens, muito bonitas, vestidas de preto, enfeitadas com bijuterias douradas e maquiagem no rosto. Elas dominavam o lugar, parecia que a atividade naquele ambiente pertencia a elas, moviam-se lentamente na maior parte do tempo, mas em determinados momentos pude perceber um ar de urgência surgindo em seus semblantes, o que as fazia apressar o passo e as falas. Contei que estava ali para me candidatar ao cargo de recepcionista, recebi em retribuição um olhar inquisidor das duas, parecia que elas queriam ver através de mim, afinal de contas, eu estava ali para substituir alguma delas, e nesse caso os julgamentos me parecem inevitáveis. Naquele momento eu ainda não fazia ideia de quais informações elas buscavam, mas posteriormente descobri que eram certos padrões estéticos, boa articulação e dicção de fala. A mais alta, de cabelo preto extremamente liso e brilhoso, se manifestou primeiro, perguntando meu nome e pedindo que eu aguardasse em alguma poltrona.

Esperei por cerca de quinze minutos até ser chamado pelo gerente, mas nesse meio tempo pude prestar mais atenção ao espaço à minha volta. A construção era bastante ampla, toda pintada de branco na parte interna e externa, com janelas grandes em vidro fumê que iam de uma extremidade à outra do salão, as poltronas de espera eram de couro sintético preto, e os diversos móveis e ferramentas de trabalho dos profissionais na mesma cor. Havia poucas divisórias entre os cômodos, a contar pelas paredes dos banheiros ao centro do salão, o vidro que separava os quatro lavatórios da sala das manicures, uma salinha reservada ao lado desse espaço para estocar os materiais químicos de trabalho, e mais ao fundo uma sala para depilações e outra para podologia⁵, uma ao lado da outra. A parte externa era pintada de branco adornada com uma linha vermelha que ia da altura das janelas até o chão, ao lado esquerdo de quem entrava ficava a rampa de lajota clara com corrimãos cromados, cuja passagem dava acesso à recepção.

⁵ Podologia é a disciplina que estuda as anatomias e patologias dos pés. Portanto, o podólogo é o profissional que cuida da saúde dos pés, tratando de lesões específicas dessa região do corpo.

O salão era extremamente movimentado, lembro-me de ter indagado a mim mesmo se sempre seria assim, afinal de contas, estávamos no meio da tarde, no meio da semana, num dia chuvoso, e me parecia pouco provável que aquele fosse um momento fortuito para ir ao cabeleireiro. O espaço em si não era muito acolhedor, todo aquele branco me fazia ter a sensação de estar num hospital, ou em alguma clínica de dentista, não podia me decidir, o fato é que o ambiente não acolhia, pois faltavam alguns elementos que poderiam facilmente fazer com que as pessoas se sentissem mais a vontade; como um sofá, plantas, luminárias, tapete... Era tudo muito sóbrio, ascético, faltava cor e conforto.

Depois desse breve tempo divagando e analisando o espaço, apareceu o gerente. Era um homem jovem também, na faixa dos 30 anos, andava com o passo acelerado, tinha um semblante sério, e parecia que todos os cantos do ambiente cabiam dentro de sua visão. Ele me chamou para uma entrevista na sala em que estocavam os produtos químicos, onde havia um escritório improvisado, e foi ali que conversamos por mais uns dez minutos sobre coisas da minha vida – endereço, idade, escolaridade, estado civil, entre outros -, depois disso fui dispensado e voltei para casa sem grandes expectativas.

Uma semana depois, quando já tinha esquecido por completo a possibilidade de contratação, recebi a ligação do gerente me chamando para fazer um teste. Respondi prontamente ao chamado e no dia seguinte eu estava lá. Cheguei adiantado e passei todas as horas de trabalho me esforçando para passar imagens positivas através da minha postura profissional. Acho que a estratégia funcionou, pois ao final do expediente me pediram para voltar no dia seguinte com a Carteira de Trabalho em mãos. A partir desse dia entrei para a equipe do salão, aprendi muito rápido os macetes e traquejos necessários para o atendimento ao público, a linguagem própria do meio, e o mapeamento da cena que acontece abertamente para as clientes, e a que acontece nos bastidores, os diálogos dos quais somente os profissionais participam.

É importante deixar em evidência que este salão é localizado num bairro de elite da cidade, cujo metro quadrado médio dos imóveis é o segundo mais caro do município, R\$ 9.577,00 aproximadamente, de acordo com a pesquisa FipeZap de 2019⁶. O salão atende, em sua grande maioria, mulheres brancas das mais variadas idades, podendo ser empresárias, servidoras públicas (promotoras, professoras universitárias, delegadas, agentes administrativas, etc.), trabalhadoras do setor privado de tecnologia, comércio e

⁶ Dado disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/estela-benetti/preco-medio-dos-imoveis-sobe-274-no-ano-em-florianopolis>

varejo local. Todas com poder aquisitivo considerável para conseguir arcar com os custos altos dos serviços oferecidos. O corte de cabelo custando R\$ 110,00, os serviços de manicure e pedicure, respectivamente, R\$ 26,00 e R\$ 32,00, mechas ou luzes variando de R\$ 245,00 até R\$ 518,00, e alongamentos podendo chegar até R\$ 3.000,00.

Trabalhando no salão aprendi que existe uma classificação dada pelos próprios integrantes do meio, que cria uma distinção simbólica entre os “salões grandes” e os “salões de bairro”. A classificação é um tanto arbitrária, pois os tamanhos reais dos estabelecimentos não determinam necessariamente se um salão é “de bairro” ou não, mas o que constrói essa oposição no imaginário do grupo é a diferença de infraestrutura e o tipo de público consumidor presentes em ambos os espaços. Portanto, nessa lógica os “salões de bairro” seriam aqueles que possuem estrutura física menos ornamentada e praticam preços menores para os serviços ofertados. Esses espaços também são estigmatizados pelos profissionais e clientes dos “salões grandes”, que acreditam na falta de especialização dos que atuam em meio à precariedade de infraestrutura, bem como o uso de produtos de menor qualidade, o que acarretaria numa prestação de serviço de segunda categoria. Entretanto, esse tipo de interpretação carece de pesquisa empírica para se provar verdadeira. O fato é que minha pesquisa foi desenvolvida no que se entende por “salão grande”, tendo as manicures como protagonistas.

3.1. MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA CULTURAL

Os salões de beleza podem ser considerados locais culturais integrais e específicos dentro de uma comunidade (ALEXANDER, 2003). Não se trata apenas de uma localização *geo-social*, mas também um momento constituído por um grupo, trazendo à tona elementos discursivos, experiências e trocas culturais, tudo isso consolidado nos *modos de fazer* (CERTEAU, 1998) das práticas cotidianas.

Nesse sentido, me parece interessante olhar para o salão de beleza, e todo o seu potencial etnográfico, para rememorar as vivências que tive nele. Além disso, é preciso situar minha voz nos diálogos que me proponho a ter com as manicures.

Foi trabalhando na recepção desse salão de beleza durante toda a minha graduação em Ciências Sociais, que percebi que esse era um local excelente para o desenvolvimento de uma pesquisa antropológica. Era notável que ali existia uma rede complexa de relações e significados próprios, atravessados por trajetórias e experiências

distintas, dando sustentação a uma gama de práticas urbanas passíveis de análise minuciosa. O que mais despertava meu interesse era a noção de que por trás daquelas práticas cotidianas, de todas as suas miudezas, existiam significados para além do que era evidente, uma memória coletiva que se inventava através de afetos, conflitos, trocas e negociações. Dito isso, afirmo que essa ideia precisa ser mais bem elaborada no decorrer da pesquisa, principalmente a noção de sociedade em rede.

No que concerne ao planejamento, a antropologia e suas ferramentas técnicas para obtenção, exploração e análise de dados, me possibilitaram criar um quadro imaginativo de possibilidades para representar essa cena, se não em sua totalidade, apenas um recorte, como uma fotografia da realidade. Entendi que posso utilizar todos os meus sentidos para dar cores e formato a esse retrato, fazendo dele uma arte viva, dinâmica e em movimento.

Durante esse período, de 2014 até o presente momento, tive o contato mais significativo da minha vida com um grupo de manicures. Anteriormente, a única coisa que me recordo acerca dessas profissionais era que algumas amigas, conhecidas e familiares, procuravam com grande frequência seus serviços. Elas admiravam o resultado do embelezamento, compartilhavam a satisfação comigo, e eu até achava bonito, mas dava pouca importância para o assunto. Hoje percebo que essa satisfação, e a regularidade da busca pelos serviços, vão além do tratamento bem feito das cutículas e da pintura das unhas.

Lembrando ainda de minha infância, recordo que os salões de beleza eram vistos por mim como um território feminino. Minha mãe frequentava com certa regularidade esses estabelecimentos, geralmente os salões de bairro, eles eram mais populares na minha cidade natal. Eu nasci no Estado do Rio Grande do Sul, em Torres, numa cidadezinha que na época tinha em torno de 40 mil habitantes. Cresci na década de 1990 e nos anos 2000 estava na adolescência, enfrentando silenciosamente o peso de ser uma pessoa LGBTQIA+ numa região e época extremamente machista e conservadora. Portanto, os salões de beleza eram vistos por mim, especificamente, como um lugar de segredos femininos, um espaço proibido, delimitado por barreiras de gênero.

Eu era jovem e obviamente não era assumido, ninguém naquela época o era, somente aqueles que eram mal vistos na sociedade. Eles carregavam rótulos preconceituosos e desumanizadores, como: “aidéticos”, “celebridades escandalosas”, “abusadores de crianças”, “desviados”, “promíscuos”, etc. Ninguém queria ser homossexual nesses termos, ninguém queria ser descoberto, sobretudo os que

performavam feminilidade, como era o meu caso. Consequentemente, os territórios femininos, esses espaços que se constroem no entrelace de relações e identidades pautadas nos processos de generificação feminina dos corpos, concebiam, metaforicamente, uma espécie de campo minado de julgamentos morais para alguns gays afeminados da minha época. Ali nós tínhamos que repreender nossos trejeitos, fazer malabarismos comportamentais, torcer para passarmos despercebidos e não sermos reconhecidos como as identidades desviantes que éramos.

Recordo-me ainda, que quando criança eu não gostava de ir ao salão de beleza cortar os cabelos. Em primeiro lugar, pelo que descrevi acima, segundo, por ter que ficar quieto enquanto o serviço era prestado – 20 minutos pareciam horas -, e terceiro porque a demanda que era atendida pela cabeleireira não era minha, mas da minha mãe, ela quem escolhia como seria o estilo do corte de cabelo, geralmente “curto dos lados e alinho em cima”.

Os salões aos quais eu era levado nesse tempo eram espaços pequenos, mal iluminados, mal arejados, parecendo caixas escuras com um foco de luz central, cuja única entrada de ventilação era a porta que dava acesso à rua, usualmente construída com vidro e utilizada como expositor de preços pintados com tintas coloridas. Sempre fui uma criança tímida, muito quieta, mas extremamente observadora. Eu entrava no estabelecimento, sentava no banquinho de espera, e logo começava a mapear o ambiente, prestando atenção no que as pessoas estavam fazendo ali, quais os sons ao redor (conversas, secadores, carros e pessoas passando do lado de fora, música irreconhecível tocando no rádio de pilha), sentia cheiro de acetona e da fumaça adocicada que saía do cabelo das clientes quando o ar quente do secador se aproximava dos fios de cabelo. Mas o que mais marcava presença em minha mente era o pensamento pungente de querer ir embora, de terminar logo com essa obrigação e voltar para o conforto da minha casa, dos meus livros e filmes.

Nesses espaços havia sempre uma manicure, ou duas no máximo, sentadas no canto da sala, de frente para suas clientes, com esmaltes a tiracolo, extremamente falantes, e embora eu não conseguisse ouvir o conteúdo das conversas, sabia que elas tinham muito a dizer, pois gesticulavam e mexiam a boca freneticamente entre um tempo de cuticulagem⁷ e outro. Às vezes suas clientes eram capturadas pelos seus olhares, ambas

⁷ Cuticulagem refere-se ao processo de retirada do excesso de cutículas, geralmente realizado com o auxílio de cremes que amaciam o tecido de pele, espátula para separá-las da unha, e alicate para cortar e separar.

conectadas pelas mãos, compartilhando segredos. Parecia-me uma relação de extrema intimidade, principalmente pela proximidade, o toque, os olhares, e as conversas, ora ensaiadas, ora espontâneas.

Eu pensava nas manicures como as principais portadoras dos segredos de salão, dos tais segredos femininos. Afinal, elas tinham uma grande possibilidade de conexão com as freguesas, especialmente quando comparadas com os cabeleireiros. Esses últimos, na maior parte do tempo, se posicionavam atrás da clientela, o que dificultava o contato visual, e, além disso, seus esforços de manter uma comunicação decente eram frequentemente frustrados pelo barulho desagradável do secador de cabelo.

O que mais me surpreende hoje, ao rememorar essas experiências, é me dar conta de que o mesmo espaço de convívio e troca cultural pode se transformar e obter significados totalmente diferentes ao longo de nossas vidas. Se por um lado, quando eu era criança e adolescente tinha medo do salão de beleza, hoje, como afirmei anteriormente, me sinto seguro nele. Entretanto, essa mudança só foi possível a partir do momento em que, através de minhas vivências, redes de apoio, e formulação de uma nova consciência, consegui me sentir mais à vontade com minha sexualidade e performance de gênero⁸.

Penso ainda, que as mulheres - manicures, cabeleireiras, e até mesmo clientes - , tiveram um papel vital nessa mudança de perspectiva, pois mesmo quando eu me esquivava dos espaços femininos, ainda assim, queria desesperadamente pertencer a eles, e elas, as mulheres, me acolheram. Obviamente, esse acolhimento e convívio também produziram e produzem, esporadicamente, algumas situações de tensão e conflito, afinal, o salão não é livre do conservadorismo. Entretanto, no dia-a-dia, com o exercício mútuo da tolerância e respeito, com “jeitinho” e empatia, conseguimos afetar uns aos outros, criando marcas sutis nas subjetividades alheias, num processo que se agiganta com o passar do tempo, e muda nossa maneira de ver o diferente.

Essa breve digressão no tempo se faz necessária para poder situar minha voz e olhar nos processos que me proponho a descrever. Entendendo que o conhecimento antropológico se consolida na negociação do “eu” com o “outro”, num incessante movimento de (re)invenção e desapegos. Os primeiros esforços para explicitar uma parte dessa negociação já foram feitos, quando comecei a pensar o meu lugar nessa dinâmica,

⁸ Performance de gênero diz respeito aos padrões comportamentais que se espera de cada gênero em suas relações sociais. Esses padrões são constituídos através da socialização e interpretados pelos indivíduos a partir de uma perspectiva binarista, onde os homens deveriam agir de um jeito e mulheres de outro.

e agora começo a segunda etapa dessa empreitada, a mais importante e desafiadora - o exercício do diálogo e da observação paciente, atenta, interpretativa.

4. FAZER AS UNHAS É TÉCNICA

“Quando passo por lá sempre paro e admiro essa cooperação construtiva das mãos e da mente, que mesmo com coisa tão banal (...), expressa o movimento mais perfeito no universo”

Sobre os Ossos dos Mortos – **Olga Tokarczuk**

Fazer as unhas é um trabalho minucioso, envolve técnica, sensibilidade e destreza artesã. O processo do trabalho em si acontece da seguinte maneira: primeiro a manicure separa os materiais a serem utilizados (alicate de unhas, alicate de cutículas, espátula, toalha descartável, lixa, polidor, borrifador de água e creme hidratante), depois ela corta e lixa as unhas da cliente de acordo com o gosto de cada uma, aplica hidratante nas cutículas, borrifa água para ajudar a amolecer o tecido de pele, empurra a cutícula com a espátula, retira o excesso com alicate, limpa os dedos com a toalha descartável, e passa o polidor acima das unhas para criar uma superfície mais lisa, pronta para receber a esmaltação. Pelo que pude entender esse processo não modificou muito com o tempo; com exceção do método para umidificar as cutículas que anteriormente era feito com um potinho de água, depois passou-se a usar somente o borrifador; outra inovação foi a implementação de regras sanitárias para esterilização dos instrumentos de trabalho que a partir dos anos 2000 ficaram cada vez mais presentes nos salões de beleza, obrigando os profissionais a colocar seus materiais metálicos para higienização numa autoclave⁹. Confesso que observar o processo foi um tanto aflitivo para mim, principalmente por envolver instrumentos afiados e cortantes próximos demais de regiões sensíveis do meu corpo. Mas uma coisa é certa, todas as manicures que fizeram parte dessa pesquisa, experientes como são, conseguem manusear com muita facilidade e rapidez todos esses objetos, elas realmente sabem o que estão fazendo.

Tentarei agora analisar e refletir acerca da inteligência e dos saberes que se constituem a partir da prática das manicures que tem como principal instrumento a mão. Em seu livro *O Artífice* (2012), Richard Sennett, dedica um capítulo inteiro para falar sobre a importância da mão para o trabalho artesão, por isso me valerei de alguns ensinamentos deixados pelo autor para pensar as questões que são pertinentes ao meu

⁹ Autoclave é uma máquina projetada para esterilizar instrumentos médico-hospitalares por meio de alto calor, umidade e pressão.

campo. Sua análise focalizou o trabalho técnico e as habilidades de músicos, cozinheiros e sopradores de vidros, entretanto, consegui transpor diversos apontamentos de sua microsociologia para entender a experiência das manicures. Assim pude organizar a análise através de cinco marcadores presentes em seu texto; experimentar através do tato, coordenar a desigualdade das partes do órgão, aprender a aplicação da força mínima e da liberação, contextualizar o processo rítmico e desenvolver a capacidade de concentração.

4.1. O TOQUE

Na história da medicina existiu um debate antigo para saber se o toque fornecia informações sensoriais ao cérebro diferentes das transmitidas pelo olho (SENNETT, 2012). A ideia primordial era a de que o toque produzia dados sensíveis de maneira “descontrolada” e “invasiva”, pois quando tocamos algo quente, frio ou espinhoso, todo nosso corpo sofre um trauma, algo que não podemos cessar de imediato. Por outro lado, a dor ou a repulsa de ver algo desagradável pode ser neutralizada fechando-se os olhos. Embora eu discorde dessa comparação pela convicção de que as dores causadas por algo que vimos, dependendo do que for, podem não ser neutralizadas tão facilmente, por exemplo: se alguém assistir a morte cruel de uma pessoa que lhe é querida, esse trauma pode ser tão descontrolado e invasivo quanto queimar uma parte do próprio corpo. Ainda assim, tomarei esse argumento para pensar na evolução do debate que acabou por formular pressuposto bem interessantes e defensáveis. Posteriormente, há pouco mais de um século atrás, a ciência biológica desenvolveu o conceito de “toque ativo” para designar a intenção consciente que orienta a ponta do dedo em seu trabalho exploratório e de descoberta das superfícies, o toque seria, portanto, proativo e reativo (SENNETT, 2012).

Da ideia de “toque ativo” chegamos recentemente a noção da sondagem tátil e proativa que, mesmo sem intenção consciente, estimula o cérebro a começar a pensar a partir do contato com pontos específicos de objetos e suas superfícies; o que chamamos de “toque localizado”. Ora, não é difícil perceber no trabalho das manicures quando elas usam já no início do processo de fazer as unhas, mas não somente, a técnica do toque localizado para perceber o formato das unhas das clientes, as cutículas e peles arrebatadas nos dedos e possíveis deformidades causadas pelos mais variados motivos, para a partir desse conhecimento prático e preliminar traçar estratégias rápidas acerca

das melhores maneiras de cuidar e embelezar as mãos que se apresentam a sua frente. Ou seja, o toque como instrumento básico de fazer as unhas ajuda a construir uma maneira de pensar. Obviamente o toque é apenas um elemento dentro de um sistema mais complexo de percepções sensoriais que ajuda nessa empreitada, portanto, ele não trabalha sozinho, está associado a uma rede neural que envolve os olhos, o cérebro e as mãos, permitindo que a manicure se utilize da visão e do tato para pegar seus instrumentos, manuseá-los, e realizar o serviço em total harmonia de execução. Entretanto, o tato continua sendo um grande articulador da arte de fazer as unhas.



Imagens do acervo pessoal (2021), demonstra como o toque é um instrumento ativo em diversas etapas de fazer as unhas.

Outro fator que me ajudou a pensar de forma mais ampla o processo de fazer as unhas foi a ideia de buscar localizar esse conhecimento proveniente das maneiras de fazer das manicures dentro de uma trajetória de especialização que, através de uma sucessiva de erros e acertos, fez com que elas incorporassem saberes e habilidades, de forma dinâmica, em constante movimento e transformação, mas que dão sustentação à correspondência entre gestos da mão e forma de segurar os materiais de corte, que não necessariamente passará por uma avaliação mental consciente. É evidente que esse saber incorporado não será sempre eficaz, erros, equívocos e distrações, podem e vão continuar acontecendo. Poderíamos apontar aqui alguns possíveis erros que elas descobrem e tentam aperfeiçoar no decorrer de sua vida profissional: lixar as unhas sem deixá-las com formatos harmoniosos, machucar a cutícula das clientes e fazer a esmaltação muito grossa ou sem homogeneidade. A partir do momento que elas elencam qual seu padrão ideal de fazer as unhas, e é certo que cada uma terá um ideal diferente da outra, elas passam a buscar o aperfeiçoamento técnico através de um pensamento retroativo, que vai da consequência para a causa. Segundo Sennett: “os mais altos níveis de capacitação técnica só podem ser atingidos por pessoas com padrões objetivos de verdade predeterminados” (2012, p.179). Nesse sentido, o toque que é produto da relação retroativa dos dedos e da palma das mãos, cria um alicerce para o desenvolvimento da segurança física, capaz de auxiliar nas descobertas de erros espontâneos que são confrontados com o referencial padrão de verdade das manicures.

A prática que se mostra atenta ao erro momentâneo na ponta dos dedos efetivamente contribui para aumentar a confiança: sendo capaz de fazer algo corretamente mais de uma vez, o músico já não se sente aterrorizado por aquele erro. Por outro lado, fazendo alguma coisa acontecer mais de uma vez, temos um objeto de reflexão; as variações nesse ato propiciador permitem explorar a uniformidade e a diferença; a prática deixa de ser mera repetição digital para se transformar numa narrativa; movimentos adquiridos com dificuldade ficam cada vez mais impregnados no corpo; o instrumentista avança em direção a maior habilidade. (SENNETT, 2012, p.180 - 181)

Embora esse trecho esteja referenciando a profissão de músico, mais especificamente o pianista, penso que o mesmo pensamento é válido para analisar as manicures. Para tanto, o conhecimento técnico mobilizado nas práticas cotidianas das manicures surge de suas reflexões acerca das uniformidades e diferenças contidas em suas

ações objetivas e comparadas concomitantemente aos seus referenciais de verdade, fazendo com que toda prática apreendida e valorizada nas dificuldades deixe de ser um conhecimento puramente instrumental e se torne elemento de uma narrativa que se consolida em seus corpos e ganha sentido num sistema social específico. Nesse sentido, o corpo das manicures, no exercício de suas práticas cotidianas, constrói uma história mais ampla, com elementos que gritam aos olhos, mas possuem significados particulares, que só podem ser acessados através do compartilhamento de suas trajetórias, para só então entendermos as diversas maneiras de se fazer as unhas.

Utilizei até aqui de forma indiscriminada os apontamentos de Sennett em *O Artífice* (2012), mas acho interessante trazer para o debate um contraponto a essa perspectiva, por isso, tentarei me valer a partir de agora de algumas ideias do antropólogo britânico Tim Ingold (1948), na qual o autor nos convida a refletir acerca dos processos de aprendizado, transmissão de representações e desenvolvimento do conhecimento humano. Para formular sua teoria, ele se apoia numa concepção de pessoa e cultura aos moldes da antropologia ecológica, que busca ultrapassar certas dualidades e fragmentações formuladas ao longo da história da construção de conceitos nas Ciências Sociais, como a antiga oposição de natureza e cultura (INGOLD, 2010). Para tanto, o autor dialoga com a biologia neodarwiniana e a psicologia cognitiva, fazendo fortes críticas a essas correntes de pensamento, e dando bases para pensarmos para além da concepção limitadora de que o nosso cérebro funciona como um mero decodificador de representações sociais passadas de geração a geração por meio do convívio e socialização. Essa perspectiva nos faz acreditar que a cultura estaria localizada e seria o resultado final de processos que acontecem, predominantemente, na cabeça das pessoas. Sennett fez algo parecido ao tentar localizar o referencial de verdade das manicures em suas mentes, como uma verdade substancial e objetiva.

Para tentar ultrapassar essa concepção, Ingold nos introduz seu conceito de *habilidade* (skill), que procura conciliar a ideia de capacidades inatas e competências adquiridas, encaixando-as num complexo esquema que coloca o desenvolvimento do conhecimento humano, inerentemente, interligado ao funcionamento dinâmico do sistema total de relações dos indivíduos (INGOLD, 2010). Em outras palavras, o autor considera que o construto de habilidades acontece na interação total do organismo/pessoa com seu ambiente, relacionando a noção de técnica com as práticas sociais.

Habilidade seria, portanto, parte de um processo de movimento, onde a capacidade de ação e percepção dos organismos/pessoas acontece de forma orgânica e

total, integrando mente, corpo, práticas e um ambiente amplamente estruturado. Assim, as habilidades são, concomitantemente, biológicas e culturais. Nesse sentido, para Ingold, em desacordo com o que pensa Sennett, a habilidade vem da prática e do exercício constante, sendo o projeto (o que podemos imaginar em termos destes padrões objetivos, como o referencial de verdade proposto por Sennett) apenas parâmetros que são constantemente modificados através da prática. Ou seja, existem, mas não são totalmente fixos e objetivos, podendo mudar a depender do tipo de materiais que as manicures dispõe para fazer as unhas. Por isso, para ele, todos os projetos prévios são insuficientes para dar conta do desenvolvimento da habilidade.

Ao conversar com minhas interlocutoras, percebi que o toque pode significar também um ato de confiança. Como falei anteriormente, quando vamos fazer as unhas com uma profissional nos deparamos com uma simples situação a ser encarada; a pessoa que está a sua frente utilizará uma série de materiais perfuro-cortantes para embelezar uma parte do seu corpo, e por mais que isso nos pareça corriqueiro, se refletirmos intimamente, descobriremos que o toque só é permitido porque existe uma relação mútua de confiança. De um lado a manicure deve acreditar que você não fará nada que possa causar algum problema com o andamento do seu trabalho, como puxar ou tremer a mão/pé causando algum machucado; do outro lado temos a clientela que, mesmo quando desconhece a manicure, entrega uma parte sensível de si para ser modificada por alguém que manuseia instrumentos perigosos. Mas a relação de confiança que encontra primazia no toque não acaba por aí; você permite que o serviço seja efetuado porque acredita no conhecimento e habilidade técnica da pessoa que está na sua frente; essa crença pode surgir porque você confia na seleção de profissionais feita pelo salão, ou porque alguém indicou a manicure; mas o fato é que essa entrega só acontece porque cremos na especialização de quem nos atende.

4.2. COORDENAÇÃO, HARMONIA E RITMO

Durante um atendimento para fazer as unhas, as manicures empregam uma sucessão de gestos que demandam precisão e coordenação. Para lixar e modelar as unhas, ou retirar o excesso de cutículas, elas precisam determinar as áreas que pretendem modificar, aplicando seus saberes técnicos e sensoriais para balancear a força com a qual irão realizar o trabalho. As mãos possuem partes com tamanhos e formatos desiguais,

além disso, a força e a flexibilidade que possuímos nos diferentes dedos também é desigual. Portanto, é preciso ter destreza nos movimentos das mãos que atuam diretamente sobre a prensão e liberação da força que será aplicada para fazer as unhas, entretanto, muitas vezes as clientes podem deixar as mãos ou os pés tensionados, dificultando o trabalho da manicure. Isso não denotaria, necessariamente, falta de confiança, mas apenas hábitos corporais que dialogam de maneira contraproducente com a destreza da profissional. Nesse sentido, esse conhecimento parece algo simples, até mesmo banal, afinal de contas; quantas vezes já pegamos um alicate ou cortador de unhas em casa para mexermos nas nossas próprias cutículas e unhas? Não parece tão difícil. Entretanto, uma coisa é você empregar esse conhecimento para trabalhar no seu próprio corpo, do qual você sabe os limites e pode dosar a medida da força através da dor que sentirá se ultrapassá-los, mas outra bem diferente é criar um grande saber tácito e acessível para lidar com diferentes circunstâncias e corpos. É diante desse conhecimento incorporado e atuado nas práticas cotidianas das manicures que podemos vislumbrar como acontece o desenvolvimento de suas técnicas corporais voltadas ao trabalho.



Imagens do acervo pessoal (2021), podemos ver como saber dosar a força é essencial para não machucar a cliente e realizar um serviço bem-acabado.

Marcel Mauss, sociólogo e antropólogo francês, afirma em sua obra *Sociologia e Antropologia* (1974), no capítulo que versa sobre as técnicas corporais, que podemos chamar de técnica um ato tradicional e eficaz. Sobre a questão propriamente dita da tradição, deixarei para abordá-la em outro momento, tendo em vista que o debate sobre tradição e transmissão de conhecimento já foi atualizado e ganhará destaque mais adiante.

O que me interessa mais no pensamento de Mauss é a ideia de que, ao contrário do que se costumava pensar, para haver técnica não necessariamente precisa ter instrumentos. Aliás, o autor propõe que ampliemos nosso entendimento acerca do que seria um instrumento; é fácil admitirmos que um alicate; uma lixa de unhas; borrifador de água, ou até mesmo o polidor; sejam considerados como instrumentos. No entanto, o que Mauss nos diz é que “o corpo humano é o primeiro e o mais natural instrumento do homem” (1974, p. 217). O que fica expressamente sinalizado com essa máxima é a ideia de que antes de aprendermos a manusear qualquer outro objeto técnico, as pessoas devem aprender a usar os seus corpos. Através da socialização de práticas cotidianas nos educamos nos termos das tradições para criarmos um conjunto apropriado de técnicas corporais das quais podemos nos dispor nos diferentes espaços de convívio e encontros sociais. Assim, algumas dessas técnicas dizem respeito à maneira como manuseamos os objetos, outras dizem respeito aos atos mais essenciais da vida humana; andar; respirar; engolir; dentre outros; mas todas são internalizadas por nós, de forma social, mecânica ou físico-química, e se traduzem nos hábitos que desenvolvemos. Portanto, uma técnica corporal apreendida e internalizada funciona como um dispositivo pré-reflexivo da ação e na maioria das vezes não precisamos pensar demoradamente sobre os movimentos que pretendemos empregar para realizar um trabalho. Esse fato também é evidenciado nas práticas das manicures, para mentes e olhos menos atentos parece uma atividade mecanicista, quase que numa lógica fordista de produção, mas essa percepção está equivocada, por isso problematizarei esse assunto logo adiante.

Ao observar e conversar com as manicures sobre suas práticas e técnicas, ficou evidente para mim que tudo que fazem hoje com tanta facilidade é resultado de uma longa trajetória de desafios diários que foram vencidos e se tornaram aprendizados dispostos num conjunto de conhecimentos de fácil acesso para elas. A especialização passa por estágios não lineares de desenvolvimento profissional, ou seja, a internalização do quadro de informações e práticas do qual as manicures dispõem não segue uma lógica predeterminada de acontecimentos dispostos linearmente numa linha do tempo, nem tampouco os resultados finais dessa especialização são formulados com uma sucessiva preestabelecida de elementos formativos. Sobre isso, algumas delas se especializaram em fazer as unhas começando com a feitura das mãos, outras pelos pés, e cada uma tem um motivo específico de ser.

Foi difícil aprender porque cada cutícula, cada mão, cada pé, a cutícula muda, e até tu ter a firmeza, tu saber o limite do que tu pode tirar ou não... Mas depois foi tranquilo, eu acho que o que me ajudou foi fazer muito pé, porque a cutícula do pé era mais grossa, até tu ter habilidade com alicate.

As manicures que já tinham curso já entravam fazendo a mão. Mas essa senhora, dona do salão, que dava muita oportunidade para gente não ficar na rua e tal, indicou que eu fizesse assim. (MILENA, 42 anos de idade, 30 anos de profissão)

Milena é uma manicure de 42 anos, branca, natural de Porto Alegre (RS), solteira, têm dois filhos, residente de São José (SC), católica, com formação incompleta no ensino de segundo grau. Ela me relatou que começou a fazer as unhas profissionalmente aos 13 anos de idade e nunca exerceu outra profissão. Sua mãe se separou muito cedo, pois o marido era alcoólatra, deixando-a sozinha com cinco filhos. Milena disse que precisava trabalhar para ajudar com as finanças de casa, e como sua mãe era manicure, a adolescente tinha total acesso aos materiais da profissão, também gostava muito de ver a mãe fazendo as unhas da clientela e aprendeu tudo olhando. A partir daí, Milena começou a atender suas vizinhas, ficou um ano atendendo somente a domicílio. Quando completou 14 anos, uma amiga mais próxima a indicou para fazer um teste num “salão famosinho” do bairro onde elas moravam, sua amiga já trabalhava nesse lugar. Ela afirmou que a dona do salão dava muita oportunidade para quem estava começando e tinha essa postura porque queria afastar as jovens das ruas. Foi essa senhora que aconselhou Milena a iniciar sua prática profissional fazendo somente os pés das clientes, isso porque nessa região do corpo a visão de quem recebe o serviço fica mais afastada, ou seja, dessa maneira seria mais difícil de alguém ver um possível erro, e além disso, os pés eram menos sensíveis que as mãos.

Essa história representa um contexto particular de um processo de aprendizado marcado por significados que perduram até hoje no imaginário da manicure em questão. Atualmente Milena é muito procurada para fazer pés, ela fez inclusive um curso técnico em podologia para poder utilizar bisturi, desencravar unhas e remover calos. No salão onde trabalha essa especialidade é expressa através do termo “calista”. Nesse sentido, achei importante trazer essa história para mostrar como um contexto de formação e aperfeiçoamento profissional específico pode trazer formas idiossincráticas de desenvolvimento dos saberes das manicures, tendo em vista que nenhuma outra interlocutora começou a fazer as unhas pelos pés. Portanto, essa ordem que emerge de

um espaço delimitado pode ter afetado também a vivência e as maneiras de fazer das manicures que tenham começado sua vida profissional no mesmo salão que Milena, se não igualmente, com lógicas aproximadas.

Boa parte do que estava sendo apreendido aqui na trajetória de Milena era justamente a internalização de dispositivos de controle corporal que são tão caros ao desempenho da profissão, como o balanceamento de forças a serem aplicadas ao fazer as unhas, ou a elaboração do quadro informativo necessário para lidar com situações de erros, e alcançar um ideal de verdade sobre o que é um trabalho bem feito, se quisermos pensar nos termos de Sennett (2012). Entretanto, se mobilizarmos os ensinamentos de Ingold (2010) poderíamos entender que esse ideal de verdade, ou projeto em relação às práticas e habilidades, está em constante modificação, e que embora possua certo grau (não absoluto) de estabilidade de sentido na trajetória da manicure, ainda é possível fazer outra inferência acerca desse problema que explicitaria melhor seu caráter de metamorfose; a *educação da atenção* (INGOLD, 2010). Para tanto, Milena afirmou que ninguém a ensinou, que ela aprendeu tudo olhando. Obviamente essa noção de que só se ensina através da fala explicativa é algo que discordo, penso que a própria prática exposta, mesmo quando não discutida, pode passar uma mensagem, e que seu receptor poderá a partir disso iniciar um processo de mimese dessa prática aprendida. O sentido, os modos de fazer, e as habilidades, se desenvolverão numa negociação incessante entre os saberes incorporados, o conhecimento socializado com seus pares ao longo de sua trajetória, e a sua relação com os materiais e as situações reais que se apresentam diariamente no exercício de sua função. Por isso, uma das indagações de Ingold ao ordenar sua teoria é acerca da contribuição das gerações anteriores para a cognoscibilidade das gerações seguintes, para a qual encontrou a resposta de que o principal aporte deixado é a *educação da atenção* (INGOLD, 2010). Ou seja, a principal contribuição não é a transmissão de representações, mas uma educação que nos faz perceber e agir de acordo com o ambiente estruturado que nos antecede. Tal assertiva nos faz entender o porquê de Milena ter aprendido a fazer as unhas olhando a mãe, mas tenha uma maneira de fazer diferente da dela.

Voltando ao movimento de preensão e liberação; talvez essa noção da dosagem da força que, juntamente com a precisão de localização, acaba por ditar as regras da total harmonia de gestos desempenhados na feitura das unhas. O treinamento e especialização das manicures garante com que elas encontrem, através de seu controle físico, a força mínima a ser aplicada para desempenhar uma tarefa. Assim, a capacidade de julgar

quando, no milésimo de segundo, é necessário que se solte a preensão do instrumento utilizado, também ajuda a equilibrar os gestos, deixando os dedos hábeis no decorrer de todo o processo do trabalho. Nesse sentido, Sennett ainda se faz necessário para refletirmos acerca desse jogo sútil que as manicures realizam ao estabelecer pesos e contrapesos para as forças empregadas em seus gestos:

Na coordenação das mãos, a questão está centrada nas desigualdades de força; as mãos de força desigual que trabalham juntas corrigem a fraqueza. Associada à liberação, a força contida do tipo da que é a empregada pelo artífice dá mais um passo. A combinação proporciona alto controle ao corpo do artífice, facultando a precisão dos gestos; no trabalho manual, a força bruta e cega é contraproducente. Todos esses ingredientes – cooperação com a força fraca e contida, liberação após o ataque – estão presentes no “poder suave”; também essa doutrina procura transcender a força cega contraproducente. É o artesanato na política. (SENNETT, 2012, p. 192)

A afirmação mais contundente aqui é a de que a força bruta e cega, ou seja, aquela que não é devidamente adestrada pelos artesãos, produz resultados indesejados, ou negativos. Embora essa percepção possa ser melhor problematizada se levarmos em consideração a agência dos materiais sobre nós mesmos. O autor ainda nos fornece matéria para pensarmos numa analogia entre o produto que surge do adequado balanceamento das forças do artesão e o jogo de estratégia política, que também lida com diversas forças, e só entrega bons resultados se souber fazer a gestão e planejamento de todas elas. Não obstante, vale lembrar que um dos conceitos de Michel Foucault (2010) se encaixaria também nessa análise; o biopoder. Para tanto, esse conceito denotaria os dispositivos de intervenção sobre os processos da vida que são internalizados por nós em esfera anatômica e fisiológica, gerando uma anátomo-política do corpo humano. É certo que Foucault utilizou o termo exaltando muito mais o lado negativo dessas intervenções, isso porque o autor associou o conceito de biopoder à biopolítica, inferindo como as instituições se utilizam desses mecanismos de dominação para fazer o controle social, entretanto, como o foco dessa pesquisa é outro, me permitirei utilizá-lo e pensá-lo de outra maneira. Portanto, na minha visão, aprender e internalizar esse saber tácito é fundamental para o exercício da profissão especializada.

No trabalho das manicures existe uma relação forte entre os olhos e as mãos. Os olhos e as mãos, quando trabalham juntos, são responsáveis pelo desenvolvimento da concentração. Minhas interlocutoras nessa pesquisa, quando atentas ao trabalho, se tornam o centro de um sistema de práticas que possui o olho, a mão, e a fala, como principais agentes de integração e funcionamento social. Nesse momento, quando a concentração toma a primazia da cena, suas consciências tornam-se difusas, o corpo e a mente se expandem para formar um todo e as manicures se transformam naquilo que trabalham. Entretanto, esse todo integrado não assume uma postura mecânica sobre os processos envolvidos nesse sistema, não existe uma perda mental ou abstração de si decorrentes da rotina e tédio (SENNETT, 2012, p. 196), pois toda pessoa que desenvolve habilidades manuais com alto grau de especialização costuma encarar cada nova jornada de trabalho como algo estimulante. Olhar para a frente, estabelecer uma conversa, se conectar com outro, ficar satisfeito com o resultado do seu trabalho, pode fazer o que é rotineiro assumir novos ares, afinal, nenhum processo de fazer as unhas será igual ao outro. E para as minhas interlocutoras o prazer de fazer de novo reside na arte e na conexão.

Ainda refletindo sobre ser o que se faz e sistemas mentais expandidos, separei alguns ensinamentos válidos para melhor entendermos a questão. Em um estudo sobre cognição, ambiente e acoplamentos no processo de aprendizado de pessoas cegas, publicado em 2015 pela revista *Sociologia&Antropologia* (RJ), a autora Olivia von der Weid faz importante crítica às epistemologias científicas que embasam os manuais de intervenção precoce aos processos de desenvolvimento do conhecimento em crianças cegas, através de métodos, didáticas e mecanismos adaptativos sugeridos em práticas pedagógicas. Ao analisar os manuais tidos como referência no Brasil, a autora percebe que os cientistas que formularam os materiais associavam a situação dos canais perceptivos em pessoas cegas à palavra “remanescente”, como se fosse um sujeito/organismo incompleto, o que resta de um todo depois de retirada uma parte. Essa noção de dano era mobilizada até mesmo em casos de cegos congênitos, remetendo à uma perda irremediável que nunca se teve (WEID, 2015, p. 937). O incômodo causado na pesquisadora pelo uso desses termos nos estudos que deveriam tratar de maneira mais crítica e assertiva a experiência de vida de pessoas cegas, fez com que ela investigasse também se as mesmas terminologias eram usadas em manuais oficiais do país para tratar de indivíduos que possuíssem outro tipo de deficiência, como a deficiência auditiva. A hipótese era a de que os documentos usariam a palavra “remanescente” para descrever o

aparato sensorial dessas pessoas no que se refere aos sentidos da visão, tato, olfato e propriocepção. Entretanto, nenhuma interpretação nesse sentido foi encontrada, o que fez com que Weid entendesse que isso se dava pelo fato de que os mesmos pesquisadores antigos que abordavam o tema dos processos do desenvolvimento da cognição humana, atribuíam extrema importância para o sentido da visão nos quadros de percepção do ambiente e experiência da realidade, afirmando que a visão orienta 80% do relacionamento do indivíduo com o mundo. Para a autora, esse tipo de interpretação está irremediavelmente equivocado, denotando também uma confusão entre o que se entende por capacidades inatas e habilidades que são fruto de estímulo e aprendizado, gerando ares de naturalidade para o discurso que coloca a capacidade de enxergar como predominante ou mais importante na hierarquia dos sentidos. Assim, Weid entende que o vidente teria que aprender em um meio culturalmente estruturado como utilizar sua visão para se coordenar e guiar suas ações, tanto quando o cego teria que aprender a fazer o mesmo com outro ou outros sentidos. A capacidade de enxergar só se torna a possibilidade de ver quando transformada pela cultura. Em outras palavras:

“Todos os nossos procedimentos de treinamento e educação, as teorias de desenvolvimento infantil e as expectativas que despertam não são outra coisa além de máscaras para a invenção coletiva de um eu “natural”; invenção que não se limita à infância ou à educação, mas se estende a um vasto leque de controles” (WAGNER *apud* WEID, 2015, p. 939)

Essa premissa que, segundo a pesquisadora, coloca a visualidade em lugar privilegiado na hierarquia dos sentidos faz com que ignoremos outras experiências de mundo e dimensões plúrimas da realidade.

Após essa breve introdução ao tema do artigo supracitado, chegamos finalmente ao que nos interessa para refletir acerca dos processos de aprendizado das manicures, com a concepção de cognição incorporada. Para tanto, o texto desenvolve a ideia de que a aprendizagem de quem é cego acontece através da experiência, mediação e atribuição de significado, da mesma forma acontece para outras pessoas, incluindo as manicures. A ideia principal que busco associar à construção de habilidades das manicures é a noção de que minhas interlocutoras nessa pesquisa passaram por intensos e contínuos processos de aprendizado em que seus sentidos foram estimulados no contexto culturalmente

estruturado do salão de beleza, fazendo com que o conhecimento emergente dessa situação estivesse intrinsecamente ligado a uma “vivência corporal significativa” (WEID, 2015, p. 940), mediada por movimentos, gestos, ritmos e sinergias dos materiais e do ambiente. Quando assumo que a manicure é o que ela faz, mobilizo uma noção de pessoa que entende o conhecimento de ser e estar no mundo indissociável dos processos de aprendizado que se desenrolam no nosso corpo, afetado pela linguagem e história social, gerando, portanto, uma cognição incorporada pronta para a ação. Sou porque sei e sou porque faço, portanto, me constituo na prática dos processos sociais em que me insiro.

Outro marcador importante para entendermos as práticas das manicures é o domínio do ritmo de trabalho. O ritmo de fazer as unhas nada mais é do que uma sucessiva de tempos que, inferidos por diversos fatores, qualificam os começos e términos de cada movimento necessário para a realização do serviço. Embora possamos formular uma narrativa sobre o ritmo que pense aspectos de inferências puramente mecânicas; velocidade empregada para fazer cada gesto da cuticulagem; velocidade para polir cada unha; ou para esmaltar e limpar o excesso dos cantos, estaríamos abordando muito superficialmente a totalidade do seu significado no contexto das práticas do salão como um todo. É certo que o ritmo pode dizer respeito a capacidade internalizada pela profissional para efetuar repetidamente um gesto num determinado período de tempo, mas também podemos deslocar essa noção para dar conta do ritmo que é estabelecido pelas conversas, músicas e outros fatores de ordem pessoal; as vezes um mal dia na vida pessoal da manicure também interfere no andamento do seu trabalho. Portanto, o salão é um território que acontece com diversos ritmos num contexto estruturado culturalmente.

Algumas vezes pude observar como a conversa de salão é uma grande determinante dos ritmos de trabalho. Quando as manicures estão em atendimento com clientes que estão abertas ao diálogo, existe uma marcação temporal que vai do olhar no olho durante uma fala mais intensa, acompanhada de uma longa pausa na execução do serviço, até o silêncio da manicure que escuta de cabeça abaixada e olhos fixos nas unhas, quando elas tentam acelerar o processo para dar conta de todas as etapas no tempo certo.

O ritmo do salão também teve influência direta na minha escrita. Tive que adaptar e/ou modificar, sempre que interrompido no processo de escrita dentro do salão, inúmeras vezes os pensamentos que deixei inacabados nessas páginas. Às vezes eu esquecia o que queria dizer, às vezes encontrava situações que eram mais expressivas para passar a mensagem que eu queria. O certo é que o ritmo do salão conversa com a

gente sem termos consciência de sua amplitude, estruturando nossa maneira de pensar os processos e práticas sociais que compomos diariamente em nossas relações.

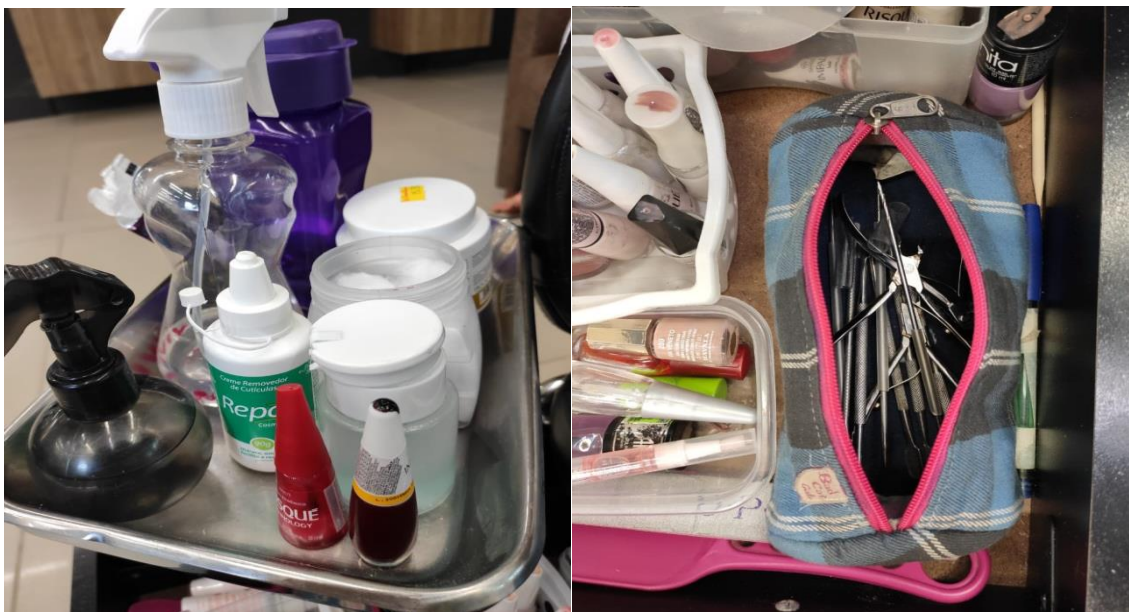
4.3. OS MATERIAIS

“Os instrumentos, além de forjarem a forma acabada das coisas, forjam muitas vezes, para o trabalho, o acabamento da nossa própria vontade”

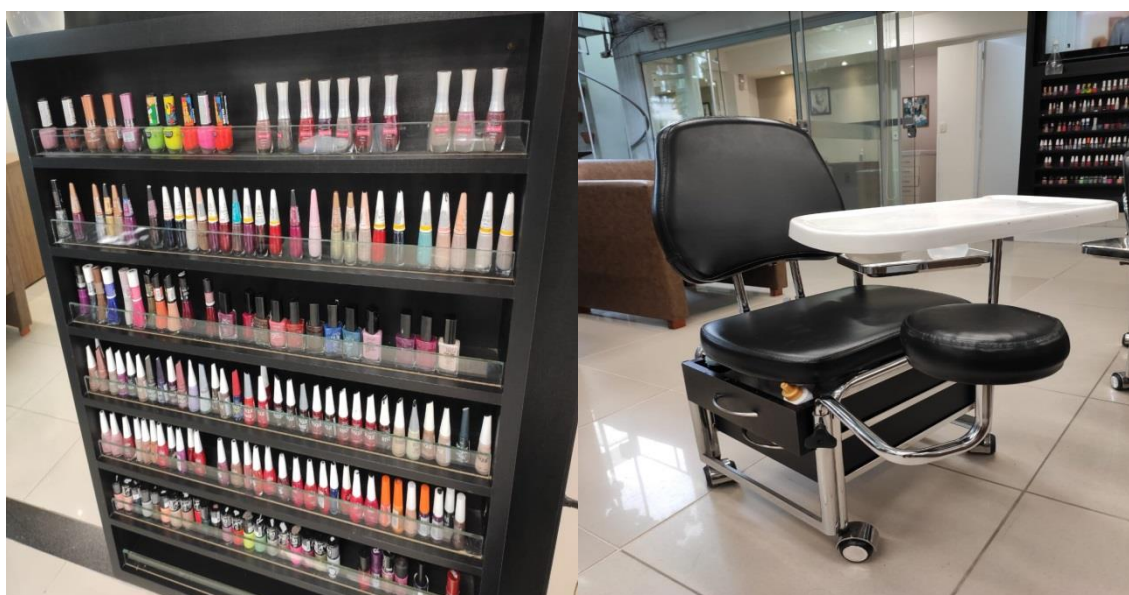
Lavoura Arcaica – **Raduan Nassar**

A epígrafe desse subtítulo se apresentou para mim de forma peculiar, enquanto eu lia concomitantemente um artigo antropológico que abordava a relação entre matéria e materiais e o romance mais famosos de Raduan Nassar (1989); *Lavoura Arcaica*. A maestria com que o romancista descreve os processos da vida no campo, com muita poesia e lirismo, quase beirando a um experimento linguístico, me fez adentrar de corpo e alma em sua trama. A narrativa da história, que em nada tem a ver com as práticas das manicures no salão de beleza, foi de extrema importância para expor como a cosmologia, o contexto sociocultural, e a história de uma comunidade estão contidos nos materiais e instrumentos que utilizamos diariamente para reproduzir os processos da vida cotidiana; tema este apresentado também por Lucas Marques (2017) em seu texto interessantíssimo sobre a profissão de ferreiro de santo no candomblé, intitulado “*Na oficina do Diabo: ritmos, sinergias e transformações na ferramentaria de orixás na Bahia*”. O que artigo e o romance possuem em comum é justamente a demonstração de como a história incutida nos materiais nos “fazem fazer” coisas, moldam a nossa própria vontade. Isso quer dizer que o ferro e a forja demandam do ferreiro certas habilidades, como a força mais bruta para o trabalho, diferentemente das habilidades das manicures que lidam com materiais perfuro-cortantes e partes sensíveis do corpo que, por sua vez, requerem delicadeza e precisão minuciosa. Portanto, nem sempre a força bruta será contraproducente, como eu havia afirmado anteriormente, ela só pode ser entendida dessa maneira quando pensada como fator de agência em contextos laborais onde os materiais e a história das práticas contida neles, demandam do profissional delicadeza, precisão e minúcia, como também é o caso do confeitoiro, do médico cirurgião, ou do soprador de vidros.

Tim Ingold (2007) faz uma importante e oportuna distinção entre “materialidade” e “materiais” ao afirmar que ao analisar um fenômeno cultural a partir do que entendemos como “materiais”, e não “matérias” (substância e propriedade), podemos mudar o foco de um contexto social constituído por objetos para um mundo em constante formação, “refletindo acerca do processo de formação das coisas e o fluxo de forças que as constituem” (MARQUES, 2015, p. 353). Para tanto, devemos encarar os objetos não através dos seus atributos fixos ou imutáveis, mas sim como coisas que possuem uma “estória”, marcada pelo movimento de transformação das práticas sociais, técnicas, e discursos, provenientes da interação dos sujeitos com o ambiente. Essa premissa é importante para dar corpo a uma análise mais consistente aos materiais de trabalho das manicures e seus usos, e podemos entender aqui que “materiais” diz respeito tanto às ferramentas utilizadas para realizar o serviço (alicate de unha e cutícula, espátula, lixa de unha, palito, borrifador de água, algodão, esmalte, toalha, polidor e creme hidratante) como também às partes do corpo da cliente que estão envolvidas no processo (pele e unhas). Portanto, os instrumentos das manicures não devem ser analisados simplesmente em função de suas formas e propriedades, mas de acordo com as forças que os constituem e o fluxo de agência de cada um deles. Nesse sentido, a história das práticas sociais do salão de beleza e de seus atores que transformaram tais objetos em ferramentas de trabalho desse meio deve ser lembrada para entendermos os diferentes usos desses instrumentos. O algodão é utilizado de uma maneira nos hospitais e de outra pelas manicures, de forma análoga podemos entender o uso do alicate e da espátula na construção civil ou no salão de beleza, a forma e os usos são produto das transformações e fluxos próprias de cada meio específico, planejadas, portanto, para finalidades distintas. Esse jogo de intenções que ganha uma maneira de ser nas práticas sociais é o que influencia a agência de cada pessoa que atua em determinado contexto cultural, ou seja, os “materiais” são “matérias” que passaram por um processo social de modificação, e por isso possuem uma “estória” internalizada em si. Isso explica porque os gestos, movimentos, balanceamento de forças, enfim, as técnicas corporais, são diferentes nos diferentes ambientes culturais, mesmo que os materiais de trabalho tenham a mesma nomenclatura.



Imagens do acervo pessoal (2021), demonstram a organização dos materiais de trabalho numa cadeira de manicure; esmaltes; alicates; borrifador de água; algodão; removedor de esmalte.



Imagens do acervo pessoal (2021), podemos ver a estante de esmaltes e a cadeira de manicure.

Dos materiais dispostos ao trabalho da manicure, a unha – esta estrutura composta por queratina presente na ponta dos dedos com crescimento constante, sujeita ao tratamento e modificação, que pede certos cuidados e instrumentos específicos – é o material que ganha destaque no conjunto de suas práticas. O esforço principal é pelo tratamento e embelezamento das unhas, portanto, a gama de utensílios empregados para atingir essa finalidade foi planejada para operar com as propriedades particulares desse material. As manicures trabalham com as unhas e seus modos específicos de tratamento que, como afirmei anteriormente, ao constituírem sua trajetória profissional também as

constituí enquanto pessoa. As unhas carregam propriedades físicas e significados sociais (científicos e culturais) previamente determinados pela natureza fisiológica do nosso corpo e pela nossa capacidade de simbolizar as coisas e as relações sociais, respectivamente. Para tanto, a necessidade de embelezar as unhas proveniente de padrões estéticos femininos consolidados na sociedade moderna pelos meios de comunicação em massa e representados pelas telenovelas ou revistas de moda, juntamente com o conhecimento acumulado e transformado com o tempo acerca das propriedades físicas e a formulação de estratégias e instrumentos mobilizados no trabalho das manicures, determinam as maneiras de fazer empregadas no procedimento. Não é por acaso que as práticas das manicures; por mais amplas que sejam (envolvendo utensílios, tratamento das cutículas, massagem, esfoliação, e, predominantemente, laços sociais), são traduzidas pura e simplesmente como “fazer as unhas”.

As unhas exigem das manicures gestos e movimentos delicados, minuciosos, destreza no manuseio dos utensílios e conhecimento tácito do balanceamento de forças a serem empregadas durante todo o processo. É preciso saber como o utensílio responderá ao seu movimento; como a lixa modificará o formato da unha; como fazer para amolecer a pele a ser retirada; como e até onde empurrar a cutícula; por onde iniciar e como manter até o fim a cuticulagem; qual a medida certa do polimento; identificar se o esmalte está muito grosso antes de aplicá-lo; o tempo de espera necessário entre uma pincelada e outra; tudo isso enquanto mantém uma boa conversa. Ao mesmo tempo, os materiais demandam “uma sensibilidade específica e uma habilidade que, para além da força, está permeada de um conjunto de outros fatores, como ritmos, jeitos e sinergias entre os distintos movimentos” (MARQUES, 2015, p. 354).

Quando pensamos no conjunto de práticas das manicures e nas representações que guiam suas ações, entendemos que cada material que compõe seu trabalho carrega em si uma “estória condensada” (INGOLD *apud* MARQUES, 2015, p. 356), e que, por isso, surgem possibilidades diferenciadas para as maneiras de fazer que emanam de cada material. Na prática de fazer as unhas há cutículas grossas e finas, unhas quebradiças, fortes, encravadas, retas, tortas, com fungo, ou não, e cada uma delas possui macetes de tratamento. Algumas cutículas só podem ser retiradas superficialmente, independente da vontade da cliente, para evitar machucados indesejados, também algumas unhas só podem ser lixadas e cortadas de determinadas maneiras para que não continuem encravando no dedo. Percebe-se que existe uma comunicação entre material e artesã, e

que a mensagem principal vem justamente do material, dizendo o que pode ou não ser feito.

Leroi-Gourhan (1911 – 1986), antropólogo francês estudioso da tecnologia e da estética, nos permite entender o utensílio como um modo de relação do homem com a matéria. Nesse sentido, o utensílio existe entre o gesto e a matéria, não representa causa nem efeito e na relação expressa por “força-utensílio-matéria” é o testemunho de um gesto eficaz (LEROI-GOURHAN, 1945). Ou seja, o utensílio não é nada em si mesmo, só existe e ganha sentido no gesto que o torna eficaz ao trabalho. Portanto, a cadeira de manicure, por exemplo, não passaria de uma cadeira com rodinhas e gavetas, sem uma nomenclatura e utilização especial, se não fosse um utensílio que a torna eficaz para o trabalho das manicures, onde ganha efetivamente um sentido e um valor real dentro de um conjunto de práticas sociais. Assim, esse utensílio existe e se faz eficaz ao permitir que a profissional armazene de forma organizada suas ferramentas em gavetas, realize seus procedimentos sentada, tenha uma estrutura própria de apoio para os pés e mãos das clientes, e deslize com facilidade todo esse conjunto de coisas a qualquer canto do salão.

Pensando ainda na noção de sistema mental expandido proposta anteriormente, entendo que os instrumentos funcionam como extensão do aparato sensorial do corpo de cada manicure durante suas atividades diárias. A sensibilidade do toque entre o alicate, a espátula, ou o palito, com a unha da cliente envia também uma comunicação ao restante dos membros da manicure, a partir daí é possível estabelecer uma dosagem de forças a ser empregada, e uma sequência de gestos, movimentos e ritmos que embalarão o processo, fazendo do objeto algo eficaz ao trabalho, portanto, tornando-o um utensílio.

...

Finalmente, percebo que, por todas as premissas citadas nesse capítulo, fazer as unhas é um conjunto de práticas que envolve técnica, sensibilidade, concentração, um processo de aprendizado mediado por contextos culturais, incorporação de saberes e destreza na utilização de utensílios. Entretanto, fazer as unhas ainda não se encerra aqui, e recorro justamente ao pensamento de que os materiais de trabalho das manicures possuem “estórias” para dar um passo a diante nessa discussão; a constituição de narrativas e significados dos objetos de salão são produto de uma trajetória histórica de práticas e disputas discursivas que constroem no imaginário popular padrões estéticos e as maneiras adequadas de transformação do corpo feminino. Assim, toda a representação que chega até minhas interlocutoras acerca dessas maneiras de fazer, seja através da mídia ou de personalidades conhecidas do meio, viram parte de uma coleção de imagens com

as quais elas se permitem criar algo novo, numa atividade de bricolagem, demonstrando que fazer as unhas também é arte.

5. FAZER AS UNHAS É ARTE

“Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver” – **Bertold Brecht**

Afinal de contas, o que é arte? Talvez se fizessem essa pergunta a uma pessoa leiga, assim como eu, ela tentaria responder trazendo para suas formulações exemplos que giram em torno dos produtos da arte, como: livros, pinturas, desenhos, fotografias, músicas, etc. Também poderia citar alguns artistas que conhece, alguns clássicos, outros contemporâneos, tentaria ainda explicar porque o que eles produzem é arte, o que distingue seus trabalhos de outros, e por aí vai. O fato é que corre muito no nosso imaginário que arte está ligada ao belo, à contemplação e, conseqüentemente, à distinção, ao que é expressivamente único do espírito humano. Poucas pessoas no mundo ocidental negariam, por exemplo, que o quadro *Mona Lisa* (1503 – 1506) do polímata italiano Leonardo da Vinci (1452 – 1519), ou as obras da pintora brasileira Tarsila do Amaral (1876 – 1973), ou da mexicana Frida Kahlo (1907 – 1954), são genuínas produções artísticas, isso não é algo difícil de afirmar. Existem autoridades do meio artístico que confirmam tal assertiva, estudiosos da arte, críticos, e os próprios artistas que se reconhecem uns nos outros, é difícil duvidar deles. Mas o fazer as unhas? Será que pode ser considerado arte? Algumas de minhas interlocutoras disseram que sim, que seu trabalho é arte, e, justamente por isso, fui atrás de algumas perspectivas teóricas que pudessem me ajudar a desenvolver melhor essa ideia. Portanto, o que tentarei fazer aqui é organizar algumas argumentações antropológicas que me permitam expandir essa noção limitada de arte para outras produções da vida social, em especial àquelas que se inserem em contextos culturais da vida cotidiana. Assim, mostrarei como a produção artística está intrinsecamente ligada à linguagem, forma, sentido, estilo e agência, ou seja, como a arte também é uma maneira de agir e estar no mundo, mobilizando nossas capacidades sensíveis de simbolizar, de construir as formas do cenário social através de imagens regidas por inclinações e gostos.

5.1. SE NÃO TIVER A GENTE ADAPTA

Em *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer* (1998), Michel de Certeau nos fornece um importante material teórico para pensarmos acerca das práticas cotidianas, assumindo a premissa de que os indivíduos só podem ser analisados através das relações sociais, o autor concebe as práticas a partir de uma abordagem do consumo cultural, onde cada pessoa seria um agente consumidor que se apropria das representações e convenções sociais dominantes, criando novos elementos para esse sistema, e ordenando as “maneiras de fazer” próprias de cada tempo e espaço da sociedade. Nesse sentido, ao estudarmos o processo de enunciação dos sujeitos em seus grupos de interação, poderemos entender suas potências criativas, aquelas que Certeau chamou de antidisciplina, ou, nessa lógica, as “maneiras de fazer” que se propagam na contramão das convenções dominantes. Não é à toa que no título da obra existe a palavra “*arte*”, que justamente vem para dar ênfase a esse processo de criação e *bricolagem* que edifica o cenário cotidiano. Nas palavras do autor:

Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural. Elas colocam questões análogas e contrárias às abordadas no livro de Foucault: análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou indivíduos presos agora nas redes de “vigilância”. (CERTEAU, 1998, p. 41)

Certeau argumenta que “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia”, e que constitui “aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior” (1998), dominado por uma história silenciosa, irracional, ou, até mesmo, invisível. O autor nos incentiva a explorar a inventividade do “mais fraco”, do “homem ordinário”, o “herói comum”, de pessoas anônimas que criam táticas e estratégias para viver e construir sentido às suas experiências. Essa perspectiva advoga a ideia de que existe um esquema de *microrresistências* e *microliberdades* desempenhado por agentes da vida cotidiana em face à ordem social dominante; o interesse, portanto, seria em descobrir como eles inventam as mil maneiras de fazer, guiados por uma sensibilidade estética, em diálogo

constante com os produtos e representações que lhes chegam às mãos e servem de material para sua “caça não autorizada”.

Uma de minhas interlocutoras, a manicure Roberta, me contou que muito do que chega ao salão em termos de representação de beleza das unhas, vem de imagens que suas clientes trazem de novelas e programas televisivos. Em 2014, por exemplo, o esmalte azul royal da atriz Giovanna Antonelli na novela *Em Família* que foi ao ar pela Rede Globo de Televisão, era uma febre. Todas as clientes queriam o tal esmalte azul. O problema é que, segundo Roberta, não “tinha essa cor em lugar nenhum”, ela teve que pedir a uma tia para trazer do Rio de Janeiro para Florianópolis. Enquanto isso, como o importante era a satisfação da cliente, a manicure corria para os tutoriais da internet que ensinavam a fazer o tom de azul tão desejado. Tenho certeza que nessa brincadeira de misturar cores outras tonalidades bonitas de azul devem ter surgido, agrado as clientes, e se tornado mais uma possibilidade no repertório de escolhas.

Roberta me disse que fez o curso de manicure do Senac no início da década de 1990, quando tinha 17 anos e estava grávida do primeiro filho. O estudo foi pago por sua cunhada que era dona de salão de beleza. Ela lembrou que precisava começar a trabalhar logo para dar sustento ao filho, e que o curso profissionalizante era uma boa saída porque durava apenas 3 meses, e a própria coordenação da instituição já direcionava as recém-formadas para os espaços que precisavam de manicures. Roberta fez unhas durante dois anos, depois disso terminou o magistério, ingressou numa creche como educadora infantil, mas “não se adaptou”, por isso preferiu voltar a atividade anterior, porque tinha mais liberdade durante o trabalho e gostava da “conexão” que tinha com o povo de salão. Desde então ela não exerceu outra profissão, mas tem planos de voltar a estudar, cursar pedagogia ou podologia, uma decisão ainda não tomada.

Nos primeiros anos de manicure, Roberta contou que existiam poucos esmaltes disponíveis para usar. Ela e suas colegas trabalhavam apenas com algumas tonalidades de vermelho e outras de cores claras, não era comum ter esmaltes em tons vibrantes, como: azul, verde, amarelo, roxo ou laranja. As novidades chegavam primeiro nas grandes cidades, como São Paulo ou Rio de Janeiro, e a circulação de materiais não era tão eficiente como hoje. Por isso, as tendências que viravam demandas de suas clientes eram atendidas conforme o que elas tinham de disponibilidade em suas prateleiras e as possibilidades de criação de cada uma. Nesse período, e ainda hoje, a plataforma para compartilhamento de vídeos online, YouTube, se mostrou uma grande aliada no processo de compartilhamento de conhecimento das manicures espalhadas pelo país, que

produziam tutoriais de como misturar cores e adaptar produtos que poderiam ser incorporados às suas práticas diárias. Mas se anteriormente essa produção servia para suprir uma carência mercadológica dos produtos, hoje o foco é majoritariamente na difusão de novas técnicas, que acabam sendo muito mais diversas do que há duas ou três décadas atrás; como fazer o degradê¹⁰ de cores na esmaltação; como fazer a unha *stiletto*¹¹; como alongar as unhas¹², e por aí vai.

Nesse sentido, o desenvolvimento de novas técnicas e novos produtos para suprir as necessidades de um grupo frente às imposições capitalistas, está intrinsecamente ligado à história e cultura de um povo. Ou seja, o esmalte *azul royal* que a Giovanna Antonelli usava na novela só se tornou a principal demanda das clientes de salão de beleza naquele momento porque a atriz representava algo para as telespectadoras que elas queriam trazer para o seu dia-a-dia. Portanto, as imagens públicas (atriz, personagem, esmalte azul), ajudaram a construir um sentimento coletivo e compartilhado, que diz respeito a nossa história e cultura enquanto povo brasileiro. Outra fala de Roberta que pode ser compreendida levando em conta essa breve consideração, é a de que, anteriormente, suas clientes não usavam esmalte preto porque era considerado “feio”. Podemos formular algumas possibilidades que explicariam essa mudança de comportamento; influência da moda ou avanço de discursos feministas, por exemplo. Entretanto, para afirmar isso ou aquilo, precisaria de uma pesquisa mais engajada e tal discussão não representa meu foco de interesse no momento.

Um curso profissionalizante de três meses não é suficiente para preparar qualquer pessoa que seja para todas as dificuldades e demandas que seu público no mercado de trabalho irá trazer. Aliás, arrisco a dizer que nenhum curso, seja ele com a duração que tiver, nos capacita integralmente para enfrentar todas as condições que um campo de atuação pode ter, pois os conhecimentos e práticas que constituí cada um estão em constante transformação. Essa característica de movimento, coloca os praticantes da vida social em uma situação de busca constante por aperfeiçoamento através de sua inventividade. Ser criativa é um requisito importante para ser manicure, pois é através dessas inúmeras imagens que lhes chegam, que são resultado dos processos da

¹⁰ Degradê ou gradiente de cores é uma transposição de cores, onde duas ou mais cores são dispostas em sequência, de modo que a transição entre elas seja suave. A intenção é criar um aspecto em três dimensões no material onde se aplica a técnica.

¹¹ Unha *stiletto* é aquela que é lixada para ficar com um formato triangular e a ponta bem fina.

¹² Existem diferentes técnicas pelas quais uma manicure pode alongar as unhas. A mais comum antigamente era a utilização de unhas postiças coladas sobre a unha da própria pessoa. Entretanto, hoje elas possuem um repertório maior; unhas de gel; porcelana; fibra de vidro, entre outras.

transformação cultural e histórica de cada povo, que elas podem criar táticas¹³ que lhes servirão de instrumento para poder enfrentar o cotidiano e suas “mil caças não autorizadas” (CERTEAU, 1998).

Inventividade e criatividade são, portanto, aspectos valiosos do trabalho artístico das manicures, pois mesmo que a precariedade, ou carência, de experiência, ou de produto, lhes ocorra, elas ainda precisam inventar outra maneira de fazer, de desempenhar seu papel de embelezar as unhas, ou de criar uma conexão através da fala. Sim. Tratei até aqui somente o embelezamento das unhas e suas implicações práticas como parte do trabalho artístico das manicures, mas penso também que a própria formulação da conversa se apresenta como algo da mesma ordem. Uma vez ouvi de um cabeleireiro: “quando entro no salão, não estou entrando somente num salão, estou entrando num teatro”, essa frase é genial porque mostra justamente que o trabalho dos cabeleireiros e das manicures perpassa também pela necessidade de estabelecer uma conexão com suas clientes, e que, por eles saberem disso de antemão, existe um esforço em atuar um papel através de falas e gestos para que tal objetivo se concretize. Portanto, uma parte do trabalho artístico das manicures é a de se preparar para encenar uma conversa agradável, uma conversa que faça a cliente querer voltar. Muitas vezes elas não irão gostar do que ouvem, e a criação artística reside justamente aí; quando elas inventam táticas de conversação para fugir de determinados assuntos, ou quando encontram um ponto em comum de interesse e estimulam a cliente a continuar naquela linha. Ou seja, a adaptação não ocorre somente em decorrência da falta de produtos e experiência profissional no desenvolvimento de determinada técnica, mas também com o que lhes é apresentado em termos de conversação, da matéria-prima com a qual elas poderão construir uma conexão humana, demonstrando um caráter de arte e improvisação na atuação profissional.

Para entender tais efeitos, afirmo que ter as práticas sociais como objeto de interesse para análise nos possibilita olhar com mais atenção para esses pequenos processos de inventividade e fabricação das maneiras de fazer na vida cotidiana que expressam da melhor forma como o trabalhador comum continua se virando como dá, dando um jeitinho aqui e outra lá, e construindo redes de apoio, virtuais ou não, que ajudam a transpor qualquer dificuldade que perpassa seu caminho.

¹³ Michel de Certeau pensou a tática como uma operação utilizada em decorrência das circunstâncias. A tática não produz operações, ela apenas as usa, altera, ou modifica, diferentemente da estratégia, que estabelece uma ordem operacional para um determinado espaço, e que se pretende ser constante e duradoura.

5.2. ARTE COMO LINGUAGEM E AGÊNCIA

Em um artigo publicado em 1999 de autoria de Sylvia Caiuby Novaes, professora titular de Antropologia da Imagem na Universidade de São Paulo (USP), intitulado “Lévi-Strauss: Razão e Sensibilidade”, consegui colher algumas argumentações feitas por Lévi-Strauss (1908 – 2009) acerca da arte. No texto, a autora faz uma análise sobre a relação de Lévi-Strauss com a fotografia enquanto documento etnográfico. Ele sempre tratou esse recurso com certo desdém, como se a fotografia fosse uma categoria menor de arte, afirmando que os documentos fotográficos provam a existência de suas imagens mentais, sem expressar nada em seu favor, sem torná-las sensíveis. Diferentemente dos cheiros que ficaram presos nas páginas de seus diários de campo em incursões etnográficas, por exemplo. Hoje esse pensamento pode ser problematizado e seguir novas perspectivas, mas não é minha intenção adentrar no assunto, restando, portanto, a discussão que se segue.

Sylvia nos conta ainda que Lévi-Strauss nutria grande consideração às temáticas da arte, como a música, literatura e poesia, e que era filho de um pintor que usava a fotografia como recurso para registrar as paisagens e cenários que iria reproduzir em suas telas. Para o antropólogo:

“Uma obra de arte é signo do objeto e não uma reprodução literal; manifesta algo que não estava imediatamente dado à percepção que temos do objeto e que é sua estrutura, porque a característica específica da linguagem da arte é que existe sempre uma homologia muito profunda entre estrutura do significado e a estrutura do significante (...) ao significar o objeto [como fazem os surrealistas com objetos do cotidiano] o artista consegue elaborar uma estrutura mesma do objeto” (LÉVI-STRAUSS *apud* NOVAES, 1999, p. 69)

Nesse sentido, a obra de arte não é qualquer documento. A arte é uma linguagem. Entretanto, se não existe uma relação sensível entre objetos e signos correspondentes na linguagem verbal, gerando um sistema de signos arbitrários, na arte, por outro lado, a expressão só acontece por conta dessa relação. A arte é também “um guia, um meio de instrução, quase que de aprendizagem da realidade ambiente” (LÉVI-STRAUSS *apud* NOVAES, 1999, p. 70). Para o antropólogo, a possibilidade de aprender através da arte vem, justamente, do poder de unir a sensação ao espírito. No trabalho das manicures, a

possibilidade de unir sensação ao espírito é expressa pela alquimia de imagens, pelo toque ativo que mapeia e conhece o material, pelo olhar atencioso, o gesto preciso, a escuta e as táticas de conversação.

A arte pode ser compreendida também como uma maneira de selecionar e ordenar informações que recebemos do mundo exterior através dos nossos sentidos. Portanto, nesse jogo de adaptação, de mostrar o que se quer, omitir o que for preciso, é que se forma uma coerência estilística para o trabalho artístico de uma pessoa. Cada manicure possui um estilo próprio de fazer as unhas decorrente de escolhas e conhecimentos incorporados ao longo de suas trajetórias, entretanto, por mais que o estilo represente um parâmetro para a maneira de fazer, nenhuma feitura de unha será igual a outra. As circunstâncias mudam, as pessoas, os materiais, o conteúdo da conversa, as táticas estão em constante transformação, e a relação de tudo isso é o que implica na experiência como um todo.

Segundo Lévi-Strauss, a arte possibilita um caminho que liga a natureza (objeto) à cultura (representação plástica do objeto). O objeto artístico se torna um signo quando estabelece sentido tanto ao signo quanto ao objeto, que até então estavam dissimuladas. É nessa operação, que tem como resultado a obra do artista, que se evidencia o que existe de essência à estrutura e ao modo de funcionar do espírito humano. Portanto, a arte traduz a estrutura comum ao espírito e à coisa (NOVAES, 1999, p.74). Podemos pensar a manicure aqui como a artista que está no centro de uma operação complexa ao ordenar e selecionar através de um sistema de signos, de uma rede teleológica, todo o conhecimento de que precisa para desenvolver sua arte. Naquele momento, a unha representa uma tela em branco, a cutícula é uma moldura, a técnica corporal, o olhar e a fala, são elementos de uma atuação que dará vida à forma e ao sentido da arte de fazer as unhas. Notem que tudo isso traz movimento, esforço, ou agência, e é, justamente, nesse ponto que pretendo me debruçar agora.

Em *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica*, livro publicado em 2007, de autoria da antropóloga Els Lagrou, podemos aprender como a agência e o poder das imagens (gráficas, poéticas, materiais ou corporais) de dar forma às ideias e relações sociais, estão intrinsecamente ligados aos processos de produção da arte. A autora sugere um estudo atencioso da estética da vida cotidiana, cuja forma e sentido se dão por meio da interação social. Nesse sentido, o trato da estética, enquanto ciência das formas, das imagens e das maneiras de agir, nos permitiria acessar a poética da vida cotidiana.

No que diz respeito ao campo da antropologia da arte, Lagrou diz que sua teoria da imagem e da forma se beneficia de uma desestabilização, ocorrida na década de 1990, “das fundações de uma antropologia da arte e da estética que tinham se firmado como um campo relativamente autônomo dentro da antropologia, marginal às preocupações centrais da disciplina” (LAGROU, 2007), e que, por isso, notava-se a necessidade de dar certo destaque às questões colocadas pela forma, pela objetificação e pela visualização de ideias e relações. No capítulo introdutório entendemos que os estudiosos que utilizavam a forma como foco de análise, tratavam o conceito de maneira estática, e que, posteriormente, autores como Munn (1986), Gell (1988), Strathern (1988) e Ingold (2000), ajudaram a consolidar a forma como um aspecto importante para os estudos em antropologia, mas esqueceram de explorar seu potencial dinâmico. Desta maneira, a antropóloga defende o argumento de que precisamos associar a noção de atenção ao conceito de forma, conferindo-os flexibilidade e agências próprias.

No capítulo “Arte: o poder da imagem”, Lagrou elabora a ideia de que mesmo que a “vida dos objetos” e a “vida das imagens” tenham ganhado notoriedade na teoria antropológica contemporânea, uma abordagem da “cultura material”, excessivamente classificatória, técnica e formal, tinha desviado, por muito tempo, a atenção dos artefatos da arte para o sistema de pensamento e organização social – esquecendo-se do fato de que os sistemas de pensamento podem ser expressos e sintetizados nos objetos produzidos pelos grupos sociais em questão. Assim, valendo-se de algumas ideias de Alfred Gell presentes na obra póstuma *Art and Agency* (1988), Lagrou propõe tratar os objetos da arte, ou artefatos, dentro de uma perspectiva que os situe numa rede de prestações, ou seja, o interesse seria descobrir quais os usos desses objetos e o que eles podem nos ensinar acerca das interações humanas e de suas socialidades pungentes, pois é na relação com objetos historicizados e corpos humanos que unhas coloridas, alongadas, enfeitadas com francesinha, ou com as cores da estação, do natal e do ano novo, devem ser compreendidas. Os artefatos da produção artística de minhas interlocutoras residem no corpo e possuem também um significado cultural, expresso nas forma e cores que são fabricadas em consonância a uma estruturação estética dominante, mas que, por ser dinâmica e fluída, admite certas incursões e inferências das manicures, demonstrando, portanto, um caráter de produção artística mediado por mulheres agenciadas e agenciadoras do cenário cotidiano.

Com o auxílio e o diálogo entre essas duas perspectivas, entendo o fazer as unhas como uma arte da vida cotidiana que se expressa através das capacidades linguísticas, do

poder dos agentes, em especial as manicures, de coletar imagens culturais para construir um artefato com sentido a ser apreciado e vivido num contexto cultural mais amplo. É no diálogo entre o fazer as unhas e os símbolos nacionais festivos que cultuamos, que pude perceber como o embelezamento das unhas segue uma lógica que aproxima as pessoas e tem uma função social. Notamos aqui uma narrativa de pertencimento através do domínio de artefatos artísticos expostos no corpo que começa a ser constituída efetivamente num ponto de convergência, de encontro, entre os consumidores culturais, que encontram no salão de beleza um espaço próprio para sua expressão. Por isso, as unhas com “francesinhas coloridas” que “as clientes pediram muito no carnaval do ano passado”, são obras de arte que pertencem e constroem o que nos liga enquanto povo brasileiro, trazendo a margem questões de ordem identitárias dinâmicas, que a cada novo ano deve se reinventar, aprender novas linguagens e entregar um novo produto a ser celebrado nas festividades carnavalescas de rua.

Nesse sentido, assim como no carnaval, o natal ainda demanda tons de esmalte em vermelho, branco e verde, e digo “ainda” porque essa lógica segue certa constância há alguns anos, com algumas variações que trazem o efeito metalizado, cintilante ou opaco, mas mesmo os artefatos do natal não estão livres de sofrerem mudanças significativas com o tempo, para isso, basta que um grupo engajado de pessoas, manicures e clientes, inventem uma nova maneira de ser e consigam convencer a maioria de que é bonito usar outras composições para a ceia natalina. O esforço de convencimento se dará em domínio público, portanto, quem está em evidência pública no cenário nacional, sejam as influenciadoras digitais¹⁴, atrizes ou modelos, possuirão maior potência na efetivação da empreitada. Assim, a frase “esse ano o que mais se usou foi o lavanda, esmalte das blogueiras¹⁵”, proferida por Roberta durante sua entrevista, demonstra como essas imagens e signos são resultado de uma trama social que, por mais que aconteça de forma difusa e movimentada, ainda possui personalidades com maior visibilidade e relevância na formação de opinião.

No início do capítulo perguntei se fazer as unhas pode ser considerado arte. Depois dessa breve pesquisa, entendo que as maneiras de fazer das manicures são artes.

¹⁴ Influenciador digital é o indivíduo formador de opinião que exerce influência sobre milhares de seguidores produzindo conteúdo para as redes sociais da internet.

¹⁵ O termo “blogueiras” também se refere às influenciadoras digitais. Antigamente era comum que algumas personalidades ganhassem destaque na internet por meio da elaboração de um blog. As “blogueirinhas” são aquelas personalidades que produziam conteúdo de moda, beleza e estilo. Hoje qualquer pessoa que tenha notoriedade no meio digital, mesmo que não use um blog, pode ser associada ao termo em questão, que acabou virando, em alguns casos, um bordão cômico.

Penso ainda que existe uma partilha do sensível entre partes comuns. Comuns, não porque pertencem a mesma classe, raça ou gênero, mas porque participam ativamente desse processo de fabricação e partilha das formas e dos sentidos do cotidiano. Se até então críticos e historiadores reivindicavam uma teoria da arte que, através de parâmetros estilísticos, quase que num processo mimético, viesse para legitimar essa ênfase do caráter contemplativo aos produtos da arte, aos artefatos, buscando consolidar uma ética da distinção, fornecendo à arte um lugar divino, afastado das coisas mundanas, banais; hoje podemos deslocar essa noção para dizer que todos os grupos humanos criam, atuam, desempenham papéis, constroem ficções, inventam a beleza, desenvolvem técnicas, habilidades e relações para poder viver e estar num mundo que lhes pertença em partilha. Portanto, é arte quando sua avó faz um bolo de chocolate cheiroso para compartilhar com a família; é arte quando aprendemos a costurar e fazer os primeiros recortes em tecido; é arte quando criamos uma dedicatória de aniversário para alguém querido nas redes sociais; é arte quando dançamos varrendo o chão da casa; quando nossa amiga nos ensina a dançar o “quadrado”¹⁶; quando sua mãe descobre um novo passatempo e dá as primeiras pinceladas de tinta numa tela em branco; e, com toda a certeza, é arte fazer as unhas. A arte não está somente nos museus, ou em casas elegantes, ela está principalmente nas mil maneiras de fazer que edificam o nosso dia-a-dia.

¹⁶ Quadrado é um movimento coreográfico do funk carioca, onde o dançarino dobra um pouco os joelhos, empina as nádegas e busca desenhar um quadrado no ar com essa região do corpo.

6. FAZER AS UNHAS É COMUNHÃO

Georg Simmel (1858 – 1918) compreendia a sociedade como fruto de uma rede complexa e difusa de interações entre pessoas. Em suma, “sociedade é apenas o nome para vários indivíduos entre si, isto é, por suas interações” (MORAES FILHO, 1983). Seguindo essa lógica, podemos entender a sociedade como um conjunto dinâmico de ações e reações entre indivíduos, motivados por paixões, anseios, conflitos, interesses, etc.

Para utilizar melhor os conceitos construídos pelo autor, devemos, ainda, ter em mente como ele pensava acerca dos conteúdos e formas da vida social. Simmel argumentou que os conteúdos, ou matérias, das relações sociais eram as intenções pelas quais os indivíduos resolviam se reunir em grupo, estabelecendo, a partir daí, as formas de interação. Todo esse processo de agrupamento é chamado de sociação (SIMMEL, 2006).

Entretanto, uma vez que as formas são lançadas para a vida social, acabam por adquirir um caráter autônomo, desvinculado das motivações iniciais. Esse fenômeno foi chamado pelo autor de sociabilidade, que seria, justamente, a forma pura das ações recíprocas dos indivíduos em momentos de interação. A sociabilidade representaria, portando, a necessidade das pessoas em “estarem juntas”, e, por não possuir conteúdo pré-definido, pode ser entendida como uma forma lúdica de sociação (SIMMEL, 1983). O resultado da sociabilidade é a primazia do momento constituído na reunião social. Portanto, valendo-me dessa perspectiva, procurei encontrar, descrever e analisar, algumas formas de sociabilidade próprias do salão de beleza, demonstrando como os interesses das manicures, por mais diversos que sejam, instituem um momento de encontro. Nesse sentido, o que está em foco aqui são os vínculos que surgem da necessidade dos indivíduos de se reunirem para formar um contexto sociocultural específico, através da comunhão e da troca.

6.1. TROCAS E AFETOS

Seu Francisco Socorro é uma figura de idade já avançada, cabelo grisalho, costas curvadas, com certa dificuldade auditiva que é denunciada apenas pelo brilho do aparelho

acoplado a sua orelha direita, possui um sorriso gentil, fala baixa e olhar terno. Ele vem ao salão a cada duas semanas para cortar e lixar as unhas. Chega com seu passo mansinho, vestindo na maioria das vezes calça social e camisa de manga curta, ambas em tons claros, óculos de armação quadrada e escura, carregando consigo um embrulho colorido embaixo do braço. Seu Francisco nunca marca horário, vem quando quer ou quando precisa, olha diretamente nos olhos da recepcionista, sorri, e faz um gesto com as mãos; de um lado uma tesoura abrindo e fechando, e do outro a mão aberta, indicando que precisa fazer um corte de unhas. No início ele dizia baixinho que queria fazer o serviço com a “moça da Costa”, em referência à Costa da Lagoa, mas isso foi antes de aprender o nome dela, depois que decorou, passou a chamá-la sempre pelo nome.

O objeto retangular embrulhado carinhosamente em papel de presente colorido que Seu Francisco carrega consigo é um livro, um presente para a manicure que cuida das suas unhas. Mais tarde descobri que essa prática começou porque em uma de suas visitas ao salão, ele perguntou à manicure se ela gostava de ler, ao que ela respondeu prontamente que sim, que gostava de romances espiritualistas. Os livros que vieram desde então nem sempre foram desse gênero, mas essa troca acabou representando um elo, uma conexão um tanto inusitada, entre um velho senhor, sociólogo e historiador de formação, apaixonado pela leitura e por seu poder transformador, e uma manicure, animada que só ela, sempre pronta para lançar uma de suas piadas, sorrir das tolices alheias, e contar os casos da vida.

Esse episódio me chamou atenção por, justamente, mostrar de maneira tão expressiva como o fazer as unhas é um lugar de encontro e comunhão das alteridades urbanas, de personalidades diversas que podem criar um vínculo genuíno de afetos e trocas. A confiança do toque que se estende à intimidade da conversa e à partilha do sensível, permite que a experiência vivida no fazer as unhas tenha determinadas tonalidades, desenhos e significados. Ou seja, Seu Francisco que trata o poder da leitura como algo sublime, que não deve ser apreciado individualmente, resolve que compartilhar sua alegria é a melhor maneira de criar pontes entre as pessoas. Assim, a troca é objetificada na entrega do livro, das palavras, do cuidado, e, também, na partilha dos significados invisíveis e indizíveis daquela relação. Tudo isso se torna possível porque fazer as unhas permite essa comunhão.



Imagens do acervo pessoal (2021), demonstram o presente ainda embrulhado, o livro com dedicatória, e o lugar que lhe cabe no carrinho da manicure.

Seu Francisco foi o único cliente com o qual me senti confortável em dizer que estava fazendo uma pesquisa antropológica com as manicures. Perguntei sobre sua formação, disse que suas vindas ao salão estavam descritas em minha etnografia, e que eu achava muito bonito a amizade formada entre Ana, sua manicure, e ele. Seu Francisco me pediu para ler o que eu havia escrito, o que me deu um frio na barriga de nervosismo, mas acabei enviando-lhe o meu projeto e algumas partes dos capítulos prontos por e-mail. Em outra visita ao salão ele contou que leu meu trabalho para a esposa dele. Desde então,

também comecei a ganhar livros e recortes de reportagens sobre literatura e educação, sempre acompanhados de bons conselhos de como me tornar um bom escritor.

Ana é a “moça da costa”, algumas clientes ainda lhe chamam assim quando esquecem seu nome. Nascida em Florianópolis, tem 48 anos de idade, 24 anos de profissão como manicure, casada com um cabeleireiro e cervejeiro atuante na Lagoa da Conceição, mãe de uma mulher já adulta, arquiteta e modelo. Ana é conhecida no salão como uma das “rapidinhas”, esse apelido surgiu em decorrência do tempo médio de atendimento da profissional, isso porque ela consegue fazer um serviço a cada 30 minutos, ou seja, 15 minutos mais rápido que as demais manicures. Ela tem inúmeras clientes fixas que a visitam semanalmente, existe algo em sua personalidade sempre animada que encanta as pessoas. É difícil ter alguém que sente à sua frente para fazer as unhas e não dê boas gargalhadas. Ana inicia uma história, geralmente exagerada, e as cliente entram em sintonia, inventam sobre os atores famosos que estão correndo atrás delas, sobre as viagens constantes que fazem para as Ilhas Maldivas, os passeios de lancha, ou as espumantes geladas com morangos que bebem diariamente no café da manhã. Ana tem a fala rápida e a mente afiada, nunca é passada para trás quando o quesito é fazer graça.

Ainda pensando nessa relação que se estabelece através da conversação, podemos analisar essa partilha de histórias, e a formulação de ficções de forma conjunta, como uma das principais formas de sociabilidade no salão. É na circulação da palavra (VEDANA, 2013) que se instaura a relação de reciprocidade entre manicure e cliente, com temas que variam desde o cenário político atual até questões de ordem pessoal, que remetem à vida familiar e privada de ambas. Diversas vezes, minhas interlocutoras disseram que são como “psicólogas” para quem procura regularmente seus serviços, denotando também um caráter terapêutico na prática de fazer as unhas, de entregar segredos, aflições, conflitos, e receber conselhos em retribuição. Uma das principais viradas de paradigma para a psiquiatria, formulada por Sigmund Freud (1856 – 1939), para o tratamento do que na época se entendia como “histeria”, foi a estruturação de um método analítico que buscava no exercício da escuta uma resposta para se aproximar de uma possível cura para o sofrimento dos indivíduos acometidos por psicopatologias (VILLARI, 2001). Ou seja, se pretendo ajudar alguém preciso, antes de tudo, ouvir a pessoa e entender qual a origem dos seus problemas, para então, poder direcioná-la à melhor forma de lidar com suas angústias. Esse postulado que representou uma revolução estrutural e científica na psiquiatria mudou a ordem das operações e intervenções dos profissionais da área, que antes se limitavam a observar e intervir, sem ouvir os pacientes.

Obviamente, as manicures em questão, minhas interlocutoras, não possuem uma formação sistemática que lhes possibilite analisar com profundidade os processos de desenvolvimento das psicopatologias humanas, nem propor tratamentos válidos dentro de um campo de conhecimento científico, mas o primeiro esforço que orienta qualquer profissional nesse sentido, já está sendo dado por elas há muito tempo, através do exercício da escuta e do aconselhamento para que suas clientes possam traçar estratégias imediatas de ação rumo a novas perspectivas práticas, que se desenrolam no cotidiano.

Com grande frequência percebo certa pressa nas clientes que chegam ao salão para fazer as unhas. Elas chegam falando rápido, conferindo o relógio, e se a manicure demora 15 minutos ou mais em chamá-las, logo vem a reclamação. A performance corporal é de aflição e impaciência, ficam mexendo repetidamente as pernas e pés enquanto estão sentadas, olham para a recepcionista várias vezes, e fazem expressões faciais de desagrado, revirando os olhos, mordendo os lábios. A partir disso, poderíamos supor que a pressa em ser atendida poderia ser porque elas possuem algum outro compromisso depois do atendimento no salão, mas na maioria das vezes essa teoria não se confirma. Logo quando a manicure aparece, toda a tensão delas se dissipa instantaneamente, restando apenas um sorriso caloroso no rosto e uma postura convidativa ao abraço. Depois do atendimento, as clientes esperam as unhas secarem na recepção enquanto tomam um café, leem uma revista, ou se distraem demoradamente com seus smartphones. A pressa foi embora, parece que nunca esteve ali. E no momento de pagar pelo serviço, escorre de suas bocas tranquilas as palavras “que alívio”, enquanto mostram orgulhosas as unhas recém feitas. Entretanto, depois de tantas situações semelhantes que pude observar e analisar, entendo que o “alívio” está muito mais associado ao caráter terapêutico de fazer as unhas, do que ao resultado final do embelezamento de uma parte do corpo. É o mesmo sentimento descrito por amigos que fazem sessões de psicoterapia; aquela sensação de leveza depois de poder ser ouvido e orientado.

A comunhão do fazer as unhas a qual me refiro aqui, acontece no diálogo de alteridades urbanas, na circulação da palavra, na forma de contar e partilhar histórias, na troca de presentes, no vínculo que se espera construir a cada conversa fiada que estabelecemos durante o dia, e, principalmente, na empatia e na aceitação das diferenças. Assim, se faz necessário lembrar mais um relato de uma de minhas interlocutoras para exemplificar tal assertiva.

Quiara é uma manicure nascida em Coronel Freitas (SC), “cidade vizinha de Chapecó”. Teve uma infância e juventude difícil, nunca frequentou salão de beleza por “não ter dinheiro para essas coisas”, sua mãe cortava o cabelo dela e dos familiares em casa. Quando fez 17 anos, veio com uma excursão da escola para Florianópolis, onde ficou alojada com a turma por 12 dias num colégio do bairro Saco dos Limões, desde então, resolveu que não iria mais embora. Aqui teve que se virar, trabalhou como doméstica, babá, e por último foi recepcionista do setor administrativo do Shopping Beira Mar, quando resolveu fazer o curso profissionalizante de manicure no Senac. Disse que teve dificuldade no início, que todos os dias voltava para casa chorando, mas hoje, com vários anos de experiência na bagagem, acha que fazer as unhas é “muito fácil”. Quiara que é evangélica, conta que:

Eu, como venho do interior, lá não se falava muito em “gay”, minha educação foi bem do interior, fui conhecer o “mundo gay” quando larguei a minha casa e vim para Florianópolis. No início eu estranhei, fiquei me perguntando como que ninguém tinha me falado sobre isso antes, daí, quando fui convivendo, aprendendo, entendi que não é escolha deles. Hoje me dou bem, gosto muito. (QUIARA, 45 anos de idade, 15 anos de profissão)

Em uma de minhas andanças pelo salão, enquanto estava me deslocando para avisar algum profissional sobre a chegada de sua cliente, vi Quiara se aproximando entusiasmada de um cabeleireiro gay, ela andava fazendo pose, como se estivesse encenando um desfile de moda, e quando já estava bem perto dele, girou em volte de si mesma, levou as mãos ao cabelo e perguntou: “Estou bonita, mana? ”. Quiara se referia a nova cor do seu cabelo, ela recém tinha feito mechas e estava se sentindo bonita, precisava da aprovação de um amigo. Uma coisa que chama atenção nesse trecho é a assimilação de um vocabulário próprio do meio LGBTQIA+ por pessoas que não pertencem à sigla como uma forma de sociabilidade da conversação que se propaga por todo o salão de beleza. Termos como “mana” (irmã), “mona” (mulher), “lace” (peruca), “aqué” (dinheiro), “babado” (novidade, fofoca), entre outros - muitos dos quais constituem o dialeto pajubá¹⁷ -, se tornam elementos presentes em diversas comunicações estabelecidas pelo grupo. Esse é mais um exemplo de como subjetividades tão diferentes,

¹⁷ Pajubá é uma série de palavras que têm sua origem no nagô e no ioruba que foram incorporadas a um contexto de comunicação próprio dos meios LGBTQIA+

com crenças e trajetórias distintas, podem vir a construir um estado de comunhão no tempo instituído pelo salão de beleza, onde o encontro diário nos obriga a levar em conta esse contexto social, inserir-se nele para poder viver aí (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2011). Entretanto, a obrigação não deve ser entendida aqui num sentido repressivo, mas sim, através de um caráter de criação de laços e vínculos que nos possibilitam conviver, coabitar, coexistir. No trecho extraído do capítulo *A Conveniência*, do livro *A invenção do cotidiano*, volume 2, temos que: “Assim definida, a coletividade é um lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual todo usuário se ajusta ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro” (2011). Isso não quer dizer que estamos sendo falsos uns com os outros, as mudanças são legítimas, tendo em vista as novas atitudes que adotamos frequentemente em relação aos assuntos que compartilhamos diariamente, sendo esses comportamentos mais assertivos e duradouros.

Quiara disse que “aprendeu a gostar dos gays”, poderíamos interpretar tal sentença através do conceito da “educação da atenção” de Ingold (2010), cujo indivíduo em sua trajetória aprende outras maneiras de encarar novas situações, e, se quiséssemos, poderíamos ainda vincular essa noção com o conceito de “conveniência” descrito acima, para dar mais ênfase aos processos pelos quais ocorrem as transformações em nossas subjetividades.

Teria tantas histórias para contar acerca dos laços afetivos que construímos no salão; os presentes que as clientes trazem para as manicures no natal e na páscoa; o convite para os aniversários; a busca diária pelo cafezinho e pelo contato com sua manicure (algumas clientes passam todos os dias no salão para conversar com elas); a troca de favores e mimos; entre outros. Entretanto, a seguir pretendo falar um pouco sobre a nossa própria forma de sociabilidade, aquela que nos une enquanto povo do salão, que só a gente sabe, que só a gente conversa, que nos exige muito esforço e atenção para fazer parte de uma rede de compartilhamento de informações secretas, de maneira muito prazerosa, mas extremamente mal vista.

6.2. TODO MUNDO ODEIA AMAR AS MÁS LÍNGUAS

Fofocar é estar atento a uma rede de informações sobre a vida de outras pessoas que pode ser de interesse dos indivíduos que são próximos de você. Quem fofoca constrói

afirmações que não necessariamente são baseadas em fatos concretos para especular acerca da vida alheia, ou divulga episódios verídicos sobre outra pessoa sem o consentimento dela. A intenção nem sempre é a mesma, pode ser para causar intriga, ou pelo simples prazer de contar. Assim, fofocar é estar sempre atento à uma rede compartilhamento de informações e segredos. Falar sobre a vida dos outros é uma forma de sociabilidade (SIMMEL, 1983) de salão consistente e duradoura.

A conversa de salão acontece geralmente de maneira difusa, aos pares, ou em pequenos grupos. E quando se trata de especular sobre a vida dos outros, você fala para quem confia, portanto, conta primeiro para os mais próximos. Entretanto, alguns elementos também podem determinar a propagação e o caminho das fofocas no salão, como o conteúdo e os atores da fofoca. Quem conta, quem ouve, de quem se trata, o que se diz, e qual a intenção da fala, são os principais componentes pelos quais podemos entender um possível burburinho e suas andanças.

A fofoca é a que mais trabalha no salão de beleza. Está na boca de todos, corre por todos os grupos, é escusa, artilosa, não quer aparecer. Ela dá nome e sobrenome, revela segredos, cria conteúdos aflitivos, dá até uma palpitação no peito, mas é por causa dela que seguimos com leveza. Às vezes ela faz o caminho errado, é descoberta, e quando acontece é só danação. A briga corre solta. Mas tudo se resolve e se amansa com mais fofoca. Logo de manhã cedo, já com as primeiras pessoas limpando e organizando o salão antes das clientes chegarem, ela já está protagonizando o espaço. É uma passada de pano e um tal de “menina, tu não vais acreditar”, um movimento com a vassoura e a reclamação “o colega é muito porco, olha o estado desse carrinho”, e enquanto o café está sendo passado na cozinha, já dá para saber quem se divorciou, quem traiu o marido, e por aí vai. A fofoca é sempre multifacetada, desperta em nós o bom e o ruim, o amor e o ódio, a calma e a agitação, a euforia e a indiferença. No salão não tem fofoqueiro, mas tem muita fofoca. Nem sei como isso acontece! Até parece que a fofoca tem vida própria! Às vezes eu penso que é isso mesmo, não tem outra explicação. A danada é criativa, se reinventa todo dia, a ponto de nem parecer o que é. Ela é quase uma instituição, as pessoas vêm e vão, a fofoca fica.

Analisar a cultura da conversa de salão sem falar de fofoca é como pensar em fazer mechas no cabelo sem ter que hidratar depois, ou fazer as unhas e não ter que esperar o esmalte secar antes de ir ao banheiro. Uma coisa “puxa” a outra. Por isso, é importante reservar algumas linhas desse trabalho para rememorar como a fofoca de salão funciona e como ela é mal vista por minhas interlocutoras, apesar de todos nós, e eu quero dizer

todos mesmo (administração, recepção, manicures, esteticistas, cabeleireiros e auxiliar de serviços gerais), adoramos uma boa fofoca. Eu não tenho uma impressão tão negativa da fofoca como as manicures, mas isso talvez seja porque nunca me senti lesado de alguma forma por uma, ou porque penso nela como um laço social importante entre nós (povo do salão) em contraposição à elas (clientes). O elo que nos liga, os segredos que correm, estabelecem um sentido de pertencimento, uma delimitação simples, que faz com que nos reconheçamos uns nos outros. É nesse contato que temos através da conversação que começamos a entender a dimensão da experiência cultural que partilhamos enquanto grupo. Afinal, todos nós temos alguma reclamação a fazer internamente acerca de uma “cliente problema”, daquelas que “levam embora toda a nossa energia”, mas que aprendemos a lidar, vestindo uma máscara de sorrisos engessados e às vezes até “tapando o umbigo¹⁸ com algodão e esparadrapo” durante o atendimento. O que devolve a leveza ao dia é poder extravasar com as colegas as nossas insatisfações, chamar a indesejada de “chata”, “mal-amada”, rir dela pelas costas, e espalhar seus segredos mais comprometedores. Essa é a fofoca que nos ajuda a superar os momentos de dificuldades, muitas vezes tendo uma função de alívio cômico. Entretanto, muitos mexericos acontecem para reforçar o que já nos unia, há um prazer grande, mesmo que envergonhado, de expor os aspectos mais “escandalosos” da vida dos que são de fora. Quando conto, espero que meu ouvinte tenha a mesma surpresa e espanto que eu tive quando fiquei sabendo, que, preferencialmente, confirme minhas suspeitas, e endosse meus julgamentos. Portanto, o que também está em jogo aqui é uma arte de convencimento. Precisamos provar nossos pontos de vista coletivamente.

As fofocas que fazemos uns dos outros são as mais perigosas. É muito desagradável quando confidenciamos algo a alguém e essa pessoa espalha nossa intimidade num grupo com o qual precisamos conviver diariamente. São esses mexericos que causam brigas. Imagino também que era isso que minhas interlocutoras tinham em mente quando disseram que não gostam e não fazem parte “desse tipo de coisa”. Depois de seis anos ouvindo e contando tantas fofocas, ficou difícil de acreditar, mas entendo seus posicionamentos. Ninguém quer estar nesse lugar de vilania, entretanto, todos estão e não estão ao mesmo tempo, sendo tais papéis transitáveis, na maioria das vezes, indefinidos, protagonizados anonimamente. Mesmo assim, como eu disse anteriormente,

¹⁸ Acredita-se que cobrir o umbigo é uma forma de se proteger contra energias negativas. Essa crença se baseia na cosmologia hindu e no desenho do mapa dos chakras espalhados pelo corpo humano, sendo um desses pontos de fluxo energético localizado na região do umbigo.

se algo der errado, ainda dá para resolver fazendo mais fofoca, aquela da boa, que faz a gente rir e nos aproxima.

Neste ponto, já deu para notar que as fofocas sobre as clientes acontecem indiscriminadamente entre nós, ou seja, quase não se estabelecem barreiras acerca do que deve ser dito, ou de como essas histórias serão narradas; o que exerce algum controle nas “más línguas” são, em contrapartida, as regras que regulam as fofocas que contamos sobre nós mesmos. O que poderia se chamar de “o nosso código de honra” (FONSECA, 2000). Percebe-se também que especular sobre a vida das clientes não é considerado fofoca, tendo em vista que todo mundo faz abertamente e ninguém se considera fofoqueiro, mas ser pego falando mal de algum colega de trabalho é feio demais, e te coloca automaticamente nesse lugar vergonhoso. Por isso, os segredos de nossos colegas que insistem em escapar de nossas bocas nervosas, geralmente vêm acompanhados de um alerta: “por favor, não conta para ninguém que eu te falei”.

No salão existem os mestres da fofoca. Não porque contam mais fofocas que os outros, mas porque possuem uma disposição maior a conseguir novas informações e articular discussões. Têm até as que olham no lixo em busca de ter o que falar. Às vezes, elas encontram algo de valor. E nesse jogo quase que estratégico, acabei percebendo que a própria arquitetura do salão facilita algumas dessas disposições. Não sei se eu disse anteriormente, mas a fachada do espaço é toda feita de janelas grandes em vidro fumê, perfeita para quem é fofoqueiro. Temos uma vista privilegiada de quem passa na rua, com quem, como, quando... A maioria dos que passam são rostos conhecidos; clientes; colegas do salão; funcionários do comércio local; familiares; amigos; etc. Volta e meia é possível ver alguém grudado nos vidros das janelas que dão para a rua tentando capturar algum tesouro novo, uma pedra bruta que será lapidada percorrendo as línguas afiadas salão a dentro. Não demora muito e chega até você que “o chefe não chegou ainda, mas acabou de passar aqui na frente acompanhado, estavam indo no supermercado”, ou “aquela cliente que se separou há pouco, fez o cabelo em outro lugar e está horrível, coitada, deve estar sem dinheiro”; sabe-se de tudo, mesmo que não se tenha certeza de nada. E você fará a sua parte nessa rede, ajudará a talhar um pedacinho daquela pedra bruta, buscando mais informações em sua memória para dar outra forma à primeira afirmação. Em pouco tempo teremos uma joia preciosa esculpida, fruto do trabalho árduo do grupo como um todo, não importa mais quem disse primeiro. Nesse sentido, as melhores maledicências são aquelas que não serão esquecidas, que acabam virando referência para novas ficções,

assumindo certo estatuto de verdade. Diferente das fofocas menores que, mesmo que causem um reboliço, logo serão deixadas de lado, até serem completamente esquecidas.

A fofoca faz parte de um trabalho coletivo, cada um dá sua contribuição para construí-la. Quando conseguimos criar algo realmente robusto, cheio de detalhes, com nuances e acabamentos refinados, produzimos um produto que não pode ser ignorado, que auxiliará na formação de novos conteúdos, novas imagens para compor as ficções afetivas e aflitivas que criamos diariamente.

Embora a fofoca seja muito discriminada por minhas colegas manicures, não consigo deixar de ter um apreço especial por ela. Os dias de trabalho podem ser realmente exaustivos, conflituos, às vezes até violentos; o que torna tudo melhor é estarmos perto de pessoas que entendem todas essas situações e podermos dividir um pouco da carga com elas, dar boas risadas, saber que pertencemos ao grupo, e mesmo que a fofoca nos atinja, ainda assim, encontraremos nessa rede de apoio e afeto um lugar para nos reerguer, e voltar correndo para fazer parte mais uma vez das famigeradas “más línguas”.

7. FAZER AS UNHAS É DOLORIDO

Este capítulo será dedicado a falar um pouco sobre as dores de fazer as unhas. Nos relatos colhidos e analisados por mim durante a pesquisa, as falas de minhas interlocutoras acerca das discriminações e dificuldades que enfrentam no seu dia-a-dia, foram as que mais me marcaram. Consegui identificar três formas de pensar o fenômeno; uma que diz respeito às interações sociais do salão; outra que evidencia as dores físicas que são consequência de doenças que elas adquiriam em suas trajetórias profissionais; e uma última que expõe as violências institucionais instituídas pelas políticas públicas que regulam e formalizam suas relações de trabalho.

7.1. INTERAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS CONSERVADORAS

Quando digo que fazer as unhas é dolorido assumo a ideia de que, no conjunto de práticas cotidianas que abrange as atividades das manicures, existe um apanhado de práticas de diversas ordens que são violentas a elas. Abordarei primeiramente as violências relacionadas às interações sociais. Nesse sentido, as dores de fazer as unhas podem ser refletidas através da análise e interpretação das interações de minhas interlocutoras que assim como quaisquer outras são atravessadas por assimetrias de poder que geram violências, seja por questões raciais, de classe ou gênero. Portanto, acho importante narrar primeiro aquele que se tornou um dos casos mais notórios e conhecidos dentre as pesquisadas, que tive a oportunidade de ouvir em mais de uma entrevista, e que também tive o desprazer de presenciar à época do ocorrido.

A recepção é um lugar de informações privilegiadas, pois articulamos boa parte das comunicações entre a administração, os profissionais e as clientes. Além disso, o software de agendamento e gestão do salão nos fornece um registro de todas as situações, encontros, entrada e saída de pessoas, e fichas cadastrais. Algumas fichas são mais detalhadas que outras, isso porque certas clientes demandam “especificidades” para o atendimento. Existem aquelas que não gostam de fazer o cabelo com mulheres, outras que só fazem com cabeleireiras, umas que gostam de manicures que tiram a cutícula mais funda, há ainda as preferem superficialmente, também têm as que são muito criteriosas na prestação do serviço, às vezes elas têm razão em seus pedidos, às vezes não. Mas não

são somente elas que possuem restrições quanto aos atendimentos, os profissionais, por sua vez, não atendem certas pessoas. Tudo isso consta na ficha cadastral do sistema.

Sabendo da maioria dessas demandas antecipadamente, a recepção tenta amenizar os possíveis conflitos que podem se estender pelo salão, sair do controle e causar situações desagradáveis, algumas até violentas e abomináveis. Fomos treinados para agir dessa maneira. Sabemos de tudo, ou quase tudo, não compartilhamos nada, a não ser entre nós mesmos, e direcionamos as clientes “certas” para os profissionais “certos”.

Uma vez, em uma dessas visitas de uma “cliente problema”, a recepcionista que a atendeu estava em treinamento e não sabia de sua “especificidade”. Fazia algum tempo desde que os integrantes mais antigos da recepção perceberam que a mulher em questão não gostava de ser atendida por manicures negras. Ela não marcava horário, não tinha preferência por ninguém, queria fazer com quem estivesse livre no momento, mas pedia para descrevermos fisicamente as profissionais, com a desculpa de que buscaria na memória a que lhe fosse familiar. Desde então, percebemos que ela nunca escolhia as profissionais negras, mesmo nunca tendo feito nenhum serviço com elas (o software de gestão também nos fornece um histórico dos serviços realizados).

Depois de um tempo paramos de descrever as manicures e ela também parou de perguntar como “elas eram”, nos limitamos vergonhosamente a direcioná-la sempre para alguma manicure branca que estivesse parada no momento de sua chegada. Porém, naquele dia a recepcionista nova, que havia entrado para a equipe há algumas semanas, marcou a cliente para uma manicure negra, se atendo apenas a pedir que ela aguardasse na recepção. O pedido não foi atendido, como de costume. Quando a recepcionista se dirigiu à sala das manicures, a cliente a seguiu, parou no meio do ambiente e ficou olhando em volta, observando através da parede de vidro a atendente indo no deque avisar a manicure que iria lhe atender.

A cena a seguir aconteceu rápido demais. As coisas acabaram “saindo do controle”, fugindo dos velhos mecanismos administrativos de supressão dos conflitos internos.

Quando uma das recepcionistas mais experientes percebeu o que estava por vir, ela se antecipou e foi atrás da manicure negra para lhe informar as nossas velhas desconfianças, que a esse ponto já haviam se convertido em certezas. Nesse momento, a cliente notou quem a atenderia, pois a profissional se deslocava em sua direção, ela virou as costas para a porta e foi até outra manicure pedir com certa urgência que a mesma lhe fizesse as unhas. A manicure branca se levantou e pediu que ela aguardasse um instante.

A cliente ficou parada, ainda no meio da sala, ainda de costas para a porta de entrada. Enquanto a manicure negra se aproximava das costas da cliente, a outra se posicionou entre as duas, perguntando se “havia algum problema se ela fizesse as unhas da fulana”, ao que a manicure negra respondeu em alto e bom som: “Não existe problema algum! Aliás, é um favor que você me faz, pois não gosto de ficar perto desse tipo de gente”.

Ao ouvir essa frase, a cliente levou a mão aberta ao peito, fez uma cara que mesclava ares de espanto e ofensa, sentou-se para ser atendida e ficou repetindo algumas vezes a frase: “Que absurdo! Eu nunca fui tão desrespeitada”. Em seguida ela perguntou à manicure que lhe atendia quem era a dona do salão, pois queria reclamar com ela acerca da agressão que havia sofrido. A dona foi chamada, conversou, amenizou a situação pedindo desculpas, e o caso encerrou por aí. A administração do salão nunca foi repreender a manicure negra pela atitude, pois sabia exatamente do que se tratava; racismo. O pior de tudo é que fomos todos coniventes. Nessas horas, ou o dinheiro fala mais alto, como no caso da dona do salão, ou o medo de desobedecer às ordens da administração toma conta, que seria o caso dos trabalhadores.

Descrevo esse evento para explicitar como práticas conservadoras e racistas fazem parte desse espaço. Um estabelecimento com ideário antirracista teria apoiado a manicure negra e negaria o atendimento a qualquer cliente que tivesse atitudes semelhantes. Esse tipo de ação geralmente só sai do plano das ideias quando uma organização entende de antemão que seu espaço de atuação não será conivente com qualquer discriminação e preconceito em prol da maximização do lucro - o que acontece muito pouco-, fazendo com que temas como esse (racismo, sexismo, classismo, lgbtphobia) estejam contemplados no plano de políticas internas da empresa como práticas a serem combatidas. Entretanto, o que se tornou mais comum, e podemos acompanhar com certa frequência casos semelhantes que aparecem na mídia, é quando um indivíduo vira vítima de tais violências dentro de algum estabelecimento, sendo tal ação filmada e divulgada nas redes sociais, causando grande comoção pública e ganhando certa repercussão na mídia regional e/ou nacional; o que acaba obrigando a empresa envolvida a tomar uma atitude para melhorar sua imagem em relação aos seus clientes, contratando especialistas no assunto para ajudar na formação de seus funcionários, ou promovendo peças publicitárias pedindo desculpas e apostando numa postura educativa para o seu público. Obviamente, esse segundo tipo de política administrativa é muito menos louvável, e acaba incorrendo no mesmo erro que o salão teve ao fazer a gestão de conflito dentro do seu espaço; coloca o lucro acima da dignidade humana.

Para entender mais a fundo o episódio descrito acima, é preciso compreender de antemão que toda a situação ocorreu com mulheres que apresentam marcadores sociais que não passam despercebidos no convívio diário do salão de beleza. O problema envolve dimensões analíticas que perpassam discussões de classe e raça, concomitantemente. Nesse sentido, existem alguns estigmas que distanciam mulheres negras trabalhadoras de mulheres brancas que são suas clientes num comércio local que atende majoritariamente um público de classe média com grande poder aquisitivo. Assim, Frantz Fanon (2008) em *Peles negras, Máscaras brancas*, nos fala sobre o conceito do maniqueísmo delirante, que se traduz em como estamos habituados a pensar uma dualidade dos seres: branco e preto, bem e mal, bonito e feio, e por aí vai. Deste modo, “o negro é símbolo do mal e do feio” (2008, p. 154), e o branco deve, sempre que possível, se afastar desse símbolo.

Todos os indivíduos negros estão do outro “lado da linha”, representam uma massa amorfa (CORREA, 1981) com características pré-fabricadas e pré-determinadas, que, em diversas situações, se reduz a uma única pessoa, aquela que habita lugares majoritariamente brancos e embranquecidos. Ou seja, os não-brancos estão sujeitos aos estereótipos que os forma enquanto indivíduos em suas relações. Para Patrícia Hill Collins (2000) essa associação ocorre por causa do que ela chama de imagens de controle, que definem o sujeito negro como o “outro” do branco, facilitando o movimento de objetificá-los e desumanizá-los.

A branquitude coloca as pessoas negras em um local de inferioridade, criando assim uma aversão a tudo que provém da cultura negra, e aos próprios indivíduos não-brancos. Fanon chama isso de negrofobia (2008, p. 154), que seria o enquadramento do indivíduo negro como objeto fóbogeno e ansiógeno (p. 134), demonstrando o “medo” apresentado por brancos, que é transformado em aversão e odiosidade, ao corpo negro. Exatamente como narrei na história acima, quando a cliente branca quer evitar a todo custo o toque de uma manicure negra.

Outro aspecto que pode ajudar a elucidar as práticas conservadoras no salão de beleza é o perfil social e político do público que acessa os serviços dessas manicures. Nesse sentido, os sujeitos brancos se apresentam como aqueles que estão mais próximos de Deus, do qual são semelhantes não só fenotipicamente, mas também ideologicamente, o que se comprovaria na preservação de tradições que perpetuam uma estrutura social patriarcal regida por valores euro-cristãos. Santa Catarina é um Estado brasileiro que pensa a si mesmo como majoritariamente branco, com uma composição étnica que evidencia sempre os migrantes europeus em detrimento de sua constituição negra ou

indígena. O discurso conservador e de direita propagado pelo eleitorado regional repercutiu fortemente nas eleições presidenciais de 2018, quando Jair Messias Bolsonaro, então candidato à Presidência da República, recebeu mais de 80% dos votos válidos do Estado, levantando pautas públicas que remetiam à defesa dos valores da família cristã heterossexual e políticas de austeridade econômica. A elite, subjugada à branquitude, não dispensa a presença do pobre trabalhador que “subiu na vida”, adentrando o ambiente sagrado da lógica meritocrática. De fato, louvar esse lugar, esse “esforço individual”, seria apenas mais um mecanismo para enfraquecer os laços sociais que buscam uma sociedade mais progressista. No salão não é difícil identificar esse tipo de discurso, na época das eleições a situação era ainda pior, ouvíamos atrocidades o tempo todo.

Em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1984), Lélia Gonzalez defende que o racismo e o classismo são importantes meios para opressão de mulheres negras. Nesse sentido, bell hooks (1995) afirma que a mulher negra é duplamente caracterizada como inferior, uma vez que, juntamente à questão racial, o gênero e o ódio ao sexo feminino se apresentam como marcadores que não passam despercebidos quando o assunto é selecionar a posição social ideal para cada corpo na sociedade. Entretanto, para a branquitude, raça tem mais peso que gênero no julgamento dos corpos, sendo a mulher negra empurrada para se distanciar da categoria de “mulher” (bell hooks, 1995).

Pensando na coisificação dos indivíduos negros, especificamente duas de minhas interlocutoras, e no episódio descrito acima, percebemos como as desigualdades raciais podem ser cruéis num salão de beleza que, além de possuir um público massivamente branco, não se importa com a implementação de políticas internas de cunho antirracista. Uma estratégia que poderia ser tomada pela empresa é a formação de todos os seus funcionários em cursos de debates raciais para eles pudessem identificar violências raciais que acontecem no cotidiano do salão, seja através do uso de termos como “cabelo bom” e “cabelo ruim”, ou nas tantas outras práticas conservadoras que promovem a discriminação por cor.

Um dos tópicos mais evocados pelas manicures durante as entrevistas foi a questão da falta de respeito a sua categoria de trabalho. Ser manicure é lidar constantemente com um estigma social. São trabalhadoras mulheres exercendo uma função que no imaginário popular requer pouca ou nenhuma especialização. Em todos os relatos consegui perceber o teor dúbio das relações que se estabelecem entre clientes e manicures, ora de proximidade e intimidade, ora de distanciamento e desdém. Fiquei surpreso ao ouvir que “a cliente que eu atendo todas as semanas há alguns anos, sempre

foi querida comigo no salão, mas se me ver passando no shopping ou no mercado, finge que não me conhece”, essa lembrança foi proferida em uma conversa informal, palavras que pularam sobre o balcão da recepção e me atingiram numa tarde qualquer.

O que fica evidente é uma postura adotada por diversas clientes de buscar o contato quando lhes convém. Quando elas precisam buscar o alívio, compartilhar o peso das violências que sofrem em casa, no trabalho, ou na faculdade. Mas existe, antes de tudo, uma noção de si que as coloca numa posição de superioridade. São personalidades com uma imagem a ser zelada. As estratégias para defesa dessa representação de si podem ser diversas; algumas podem assumir que a melhor maneira de “se cuidar” é ignorar a manicure que lhe cruza o caminho no shopping; há ainda as que pressupõem que a melhor coisa a se fazer é discorrer longamente com quem lhes atende sobre o grande “esforço individual” que elas tiveram que desempenhar em suas vidas para que se tornassem “vencedoras”; ou aquelas que trazem presentes e mimos para capturar a simpatia das manicures e cabeleireiros, e quando eles cometem qualquer deslize que seja em função da agenda, promovem um verdadeiro alvoroço sem sentido algum, causando um grande sentimento de culpa e remorso nos profissionais que realmente se importam com suas aprovações.

Embora todas essas atitudes deselegantes possam e devam ser repudiadas com veemência, ainda há um comportamento que incomoda muito mais as manicures. Demonstrei em alguns momentos como fazer as unhas também envolve laços de confiança, como a incorporação de saberes e o desenvolvimento de habilidade técnicas percorrem um caminho longo na trajetória de todas elas, e que isso não deveria ser tratado em hipótese alguma de forma leviana. Entretanto, algumas clientes desinformadas e desatentas permanecem incorrendo no mesmo erro, o qual descreverei a seguir.

Kamila é uma cliente com cerca de quarenta anos, cabelo ruivo com corte chanel, de estatura alta, corpulenta, possui olhar altivo e observador, desses que costuma escapar por cima da lente dos óculos para ter um panorama do ambiente onde se adentra. Sua fala é arrastada, pronunciando as palavras pausadamente, a impressão que tenho é que ela está sempre muito cansada. Ela gosta de usar vestidos com estampas coloridas, longos e de tecidos esvoaçantes. É uma pessoa de imagem marcante, embora sua personalidade seja mais contida do que expansiva.

Kamila faz as unhas com Quiara, uma das manicures mais rápidas na prestação de serviço, ela consegue fazer um atendimento a cada trinta minutos. Entretanto, com essa cliente a história é outra. Quando Kamila chega ao salão solicita para a recepcionista o

kit de manicure e pedicure. Em posse dos kits, ela se direciona por conta própria para a sala das manicures, senta onde quer e começa a lixar as suas unhas no meio de outras clientes ainda em atendimento.

Diversas vezes, ao transitar pelo salão, me deparei com Quiara sentada em frente à Kamila esperando que ela terminasse de mexer nas próprias cutículas com o alicate para poder dar prosseguimento e finalizar o serviço. A manicure que demora trinta minutos para fazer unhas, fica com essa cliente por quase uma hora. O preço final do serviço é o mesmo, pois ao contrário do que podem fazer os cabeleireiros, estabelecendo um preço mais adequado ao seu trabalho, os serviços de manicure e pedicure possuem preço fixo, imutável. Além disso, fica evidente para quem é da equipe o desconforto que as atitudes da cliente despertam em todas as manicures, que acabam alternando olhares serenos e sorrisos sem graça quando Kamila está de cabeça erguida, e olhos revirados em carrancas quando a mesma olha para baixo se dedicando às suas unhas.

O comportamento de Kamila incomoda por dois motivos. Primeiro porque ela vem ao salão buscar o serviço da manicure, mas acaba fazendo as unhas praticamente sozinha, demonstrando, independentemente de sua intenção, uma falta de confiança nos saberes e técnicas da profissional que lhe atende. Segundo porque mesmo sabendo que sua manicure demora trinta minutos para realizar um atendimento, mas acaba ficando ao seu lado, totalmente desconcertada, por uma hora, mesmo assim, Kamila não se digna a pagar por dois serviços, o que seria mais justo.

Atitudes como a descrita acima são repudiadas por minhas interlocutoras, algumas delas me disseram com ferocidade “odeio quando as clientes querem me ensinar a fazer o meu serviço”, ou “se ela sabe o que tá fazendo, porque não faz em casa?”. De fato, não é nenhum espanto para mim que elas se sintam dessa maneira, penso que qualquer pessoa que possua uma experiência profissional considerável em alguma área de atuação, se sentiria da mesma forma se tivesse seus conhecimentos colocados a prova por um leigo.

Para finalizar, algo importante a ser dito antes de terminar a primeira parte desse capítulo é que seis das nove manicures entrevistadas me contaram que adquiriam doenças no exercício de sua profissão. Os problemas mais comuns são os da coluna, das articulações e dos nervos, por conta da má postura e de movimentos repetitivos. Milena e Roberta, por exemplo, às vezes passam semanas em casa sem poder trabalhar porque suas costas “travam”, e “a única coisa que resolve é uma injeção bem forte”. Também é

comum vermos elas e outras colegas trabalhando com órteses de punho para dar sustentação à pulsos inflamados.

Leandra, uma manicure de 43 anos de idade, 25 anos de profissão, trabalha no salão fazendo “unhas especiais”, que seriam os alongamentos feitos com resina em gel, ou fibra de vidro. Para realizar tais procedimentos, a profissional precisa manusear alguns produtos químicos que são misturados para formar o material viscoso a ser modelado acima da unha da cliente. Os cheiros das substâncias são fortíssimos e me causaram náuseas nas poucas vezes que estive por perto deles. Leandra desenvolveu uma alergia severa a esses produtos, levou cerca de ano para conseguir curar suas feridas, sempre com visitas constantes a dermatologistas. Durante esse período, ela começou a usar luvas para esconder das clientes os machucados, pois precisava continuar trabalhando para compor sua renda, e não queria que ninguém sentisse repulsa dos seus dedos.



Imagens fornecidas por Leandra para uso exclusivo nesse trabalho. Aqui é possível ver as feridas causadas em decorrência de sua alergia severa aos materiais de trabalho.

É necessário dizer que as manicures relutam em ficar em casa, afastadas do trabalho, para cuidar de suas mazelas físicas, porque se elas ficam algum período sem trabalhar, acabam não recebendo a quantia em dinheiro que estão habituadas e precisam receber para honrar com seus compromissos ou com o sustento de suas famílias. A maioria delas não recorre ao benefício do auxílio-doença, mesmo quando estão paradas, pois o maior ímpeto é o de retornar ao salão, mesmo que as dores às acompanhem.

Outro recurso que falta aos salões de beleza para pensar no bem-estar de sua equipe seria, portanto, a promoção de atividades físicas aos seus funcionários, como um

momento de descontração da rotina e também de tomada de consciência acerca dos benefícios que tais exercícios podem trazer no médio e longo prazo para a saúde de cada um.

7.2. O SALÃO É PARCEIRO DE VERDADE?

A lei número 13.352, de 27 de outubro de 2016, conhecida popularmente como Lei do Salão Parceiro, sancionada pelo então Presidente da República Michel Temer, veio para regularizar relações de trabalho que já existiam no plano das práticas sociais, mas não eram formalizadas na legislação, caracterizando um espaço no qual a administração pública tinha pouco poder de atuação, fazendo com que o empresariado pagasse pelas taxas tributárias de serviços realizados por trabalhadores que eram tidos há décadas pelo meio como “autônomos”, e, além disso, o Estado deixasse de recolher uma fatia considerável de capital, tendo em vista que o setor de beleza está em constante crescimento no cenário nacional, como afirmei anteriormente. Obviamente, algumas coisas podem ser problematizadas nessa descrição, sobretudo no que diz respeito a como as práticas e relações sociais de trabalho acontecem de fato no plano das ações empíricas do chão do salão. Entretanto, começarei explicitando algumas disposições legais¹⁹ que foram instituídas através da promulgação dessa lei:

- I – percentual das retenções pelo salão-parceiro dos valores recebidos por cada serviço prestado pelo profissional-parceiro;
- II – obrigação, por parte do salão-parceiro, de retenção e de recolhimento dos tributos e contribuições sociais e previdenciárias devidos pelo profissional-parceiro em decorrência da atividade deste na parceria;
- III – condições e periodicidade do pagamento do profissional-parceiro, por tipo de serviço oferecido;
- IV – direitos do profissional-parceiro quanto ao uso de bens materiais necessários ao desempenho das atividades profissionais, bem como sobre o acesso e circulação nas dependências do estabelecimento;
- V – possibilidade de rescisão unilateral do contrato, no caso de não subsistir interesse na sua continuidade, mediante aviso prévio de, no mínimo, trinta dias;
- VI – responsabilidades de ambas as partes com a manutenção e higiene de materiais e equipamentos, das condições de funcionamento do negócio e do bom atendimento dos clientes;

¹⁹ Dados disponíveis em: <https://posocco.jusbrasil.com.br/noticias/420485153/entra-em-vigor-a-lei-do-salao-parceiro>

- VII – obrigação, por parte do profissional-parceiro, de manutenção da regularidade de sua inscrição perante as autoridades fazendárias.

Diversos salões grandes, como este que é abordado nesta pesquisa, funcionam como empresas que possuem, portanto, profissionais-parceiros, ou seja, prestadores de serviços que se instituem de maneira fixa através de contrato. Estes trabalhadores recebem uma porcentagem, determinada também pelo mesmo documento, do montante dos valores dos seus próprios serviços prestados periodicamente dentro do estabelecimento. No caso de minhas interlocutoras, por exemplo, elas recebem quinzenalmente. Apesar dos profissionais-parceiros serem reconhecidos como “autônomos”, palavra esta que fornece certo ar de autodeterminação em relação aos processos de seus trabalhos, tais trabalhadores precisam cumprir horário e seguir toda as prerrogativas formuladas no regimento interno da empresa. Eles não possuem liberdade para escolher o preço do serviço prestado, para estipular o dia de sua folga, nem possuem poder de barganha para negociar o que assinaram no contrato, sendo este documento, desenvolvido única e exclusivamente pela administração do salão em conjunto com sua assessoria jurídica. Portanto, mesmo que haja uma disputa judicial com alguma cliente que se sentiu lesada pela prestação de serviço feita no salão, a empresa pode se valer desse documento para processar o profissional-parceiro e reaver a quantia perdida num eventual processo por danos materiais e/ou morais no qual tenha sido ré. Afinal de contas, cada “profissional autônomo” atuante no salão é estritamente responsável, juridicamente inclusive, pelo uso e aplicação dos produtos e técnicas empregados na realização de seus serviços. Nas palavras de uma de minhas interlocutoras:

Eu não tenho autonomia absoluta, porque eu estou dentro de uma empresa, eu tive que assinar um contrato, então não é autonomia total. Tenho que cumprir as regras, o horário, a porcentagem, que estão no contrato. (FRIDA, 30 anos de idade, 17 anos de profissão)

Tais relações de trabalho estabelecidas em contrato, que já eram extremamente confortáveis para o salão de beleza, acabaram por se tornar ainda mais desvantajosas para os profissionais-parceiros depois da implementação dos dispositivos legais propostos pela Lei do Salão Parceiro. A partir desse marco, os salões também puderam cobrar que seus

profissionais fizessem um cadastro junto ao Portal do Microempreendedor do Governo Federal para se tornarem Microempreendedores Individuais (MEI), vinculando, portando, um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) do Portal da Junta Comercial para Receita Federal; o que fez com que os trabalhadores MEI do salão de beleza fossem obrigados a emitir notas fiscais eletrônicas de prestação de serviço em seus nomes nos portais fiscais das prefeituras municipais. Basicamente, o salão-parceiro passou a reter um cadastro interno dos seus profissionais-parceiros e seus documentos para que quando acessasse o portal da prefeitura para emitir notas fiscais, a descrição dos serviços e das taxas correspondentes saíssem em nome de ambos CNPJ. Tal dispositivo, foi interessante para a União que passou a arrecadar mais dinheiro com a formalização dos antigos trabalhadores informais, e também para o salão de beleza que teve sua carga tributária reduzida. Anteriormente, os profissionais que atuavam nos salões pagavam apenas o carnê do recolhimento da taxa individual da Previdência Social determinada em legislação e recolhida pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), de forma não obrigatória, sendo que alguns pagavam regularmente e outros não.

Atualmente a Lei do Salão Parceiro é uma lei que beneficia, muitas vezes, o dono de salão, não nós MEI. Era uma lei mais justa antes dessa última reforma. Os salões de bairro não exigem MEI para trabalhar. O que foi bom foi que a gente teve que pagar o INSS, porém se eu precisar do salão como empresa, eu não vou ser respaldada, ajudada. (FRIDA, 30 anos de idade, 17 anos de profissão)

Mesmo que a forma de recolhimento dos tributos pagos pelos MEI seja planejada com mecanismos próprios que reduzem os valores através da transformação de diversos tipos de impostos numa taxa única do Simples Nacional, um regime compartilhado de arrecadação para microempresas e empresas de pequeno porte que conta com a participação de todos os entes federados (União, Estados, Distrito Federal e Municípios); algumas de minhas interlocutoras me contaram a dificuldade que tiveram ao se verem obrigadas a aprender a lidar com toda uma questão contábil que antes não lhes era colocada, sem contar com nenhuma ajuda governamental ou empresarial para fins de adaptação às novas regras. Elas tinham duas saídas propostas; ou começavam a pagar o contador do salão para cuidar das questões burocráticas de sua microempresa; ou corriam

atrás de informações para enfrentar esse processo sozinhas. Do que me consta, todas optaram por contratar o contador do salão.

Como citei anteriormente, minhas interlocutoras não possuem total autonomia em relação aos processos que envolvem seus trabalhos na vida cotidiana. A falta de reconhecimento e desvalorização pelo produto do seu serviço também fica evidente quando colocamos em perspectiva a questão da precificação do seu trabalho que é estipulada, invariavelmente, pela administração da empresa. É corriqueiro e pouco questionado o fato de que estamos habituados a pagar menos para fazer as unhas do que para realizar qualquer outro procedimento no salão de beleza. Em conversa com algumas manicures, percebi que elas entendem que os preços deveriam ser constituídos através de alguns fatores, sendo os principais: tempo de duração do atendimento, gastos monetários envolvidos no processo e quantidade de conhecimento técnico, ou especializado, mobilizado na atividade laboral. Nesse sentido, faz-se necessário especificar algumas características próprias da operacionalização do trabalho das manicures no salão de beleza para que depois possamos compará-las com alguns fatores que incorrem da gestão de outros procedimentos realizados pelos cabeleireiros. São elas:

- Cada atendimento é marcado em 45 minutos (para fazer as mãos são 45 min., para os pés também, para pés e mãos da mesma cliente são 90 min. de agendamento);
- As manicures arcam com as despesas mensais de água destilada, para o funcionamento da autoclave, e esmaltes, de forma coletiva, e individualmente, elas compram envelope para esterilização dos instrumentos metálicos, removedor de esmalte, algodão, creme hidratante e creme esfoliante;
- O serviço de manicure custa R\$ 26,00 e de pedicure R\$ 32,00;
- Alguns serviços realizados por cabeleireiros e esteticistas possuem uma variação de preço que serve de parâmetro para que o profissional possa escolher um preço final;
- As manicures gastam em média de R\$ 300,00 a R\$ 400,00 mensalmente em materiais;
- A faixa salarial de minhas interlocutoras varia de R\$ 700,00 à R\$ 1.500,00 por quinzena.

Com estas informações em mente, discutirei primeiro acerca de um item específico dessa lista; os profissionais-parceiros cabeleireiros e esteticistas possuem alguns serviços em seu catálogo que têm uma variação de preço para que eles possam escolher livremente qual o preço final que eles acham mais justo pelo empreendimento. Portanto, se um cabelo é mais comprido e volumoso que outro, os cabeleireiros podem escolher cobrar um preço mais alto para fazer mechas nele, por exemplo. Já as manicures não podem escolher o preço que acham justo por seu serviço dentro de uma faixa de variação que serviria de parâmetro, mesmo que um pé seja mais difícil de fazer do que outro, ou uma cliente demande mais tempo de sua atenção para fazer as unhas. Não é raro que nós, os recepcionistas, nos deparemos no momento do agendamento com fichas cadastrais que nos alertam através de quadros informativos do software, construídos internamente, que certas clientes demandam mais tempo que o habitual da agenda da manicure. Geralmente quem pede que o tempo de agendamento para tal cliente seja maior é a própria manicure que, depois de enfrentar inúmeras situações de constrangimento ao atrasar os próximos horários, nos solicita que coloquemos um “recado na ficha da cliente”, e de preferência em “letras grandes” para que não passe despercebido.

Outra coisa interessante que surgiu mais de uma vez nas falas de minhas interlocutoras foi a comparação que elas fazem entre o preço do serviço de design de sobrancelhas e o preço de seus próprios serviços. Fazer as sobrancelhas custa para a cliente R\$ 35,00, o procedimento demora cerca de 15 minutos, e, no entendimento das manicures, envolve menos minúcia técnica do que fazer as unhas. A pergunta que lhes intriga é a seguinte: “Por que fazer as sobrancelhas é mais caro do que fazer as unhas se os profissionais que as fazem gastam menos dinheiro, menos tempo e menos dedicação técnica para realizar o procedimento? ”.

Seguindo a mesma lógica, sem problematizar a questão do esforço e desenvolvimento técnico dos demais profissionais do salão de beleza, poderíamos encontrar outros serviços que são mais caros do que fazer as unhas e não possuem uma explicação plausível para tanto. Cortar a franja custa R\$ 35,00 e demora 10 minutos para ser feito, depilar a virilha custa R\$ 58,00 e demora o mesmo tempo, o mesmo serve para a lavagem de cabelo que custa R\$ 32,00, entre outros. Concordo que as manicures possuem uma boa construção de argumento para defender seu ponto de vista, e quando busco uma explicação convincente do porquê da diferença de precificação, não consigo encontrar nada que satisfaça minha inquietação, portanto, o que desconfio é que existe uma hierarquização valorativa cultural que prestigia mais o trabalho de alguns profissionais

em detrimento de outros, tendo em vista que essa diferença de preços é mais do que naturalizada por nós. Será que fazer as unhas é mais barato porque quem geralmente faz é mulher? Mas a depiladora também é e seus serviços são mais caros. Ou será que é porque quem faz é mulher e ainda achamos que esse tipo de trabalho é menos especializado que outro? Não tenho uma resposta para esses questionamentos, mas acho valoroso levantar tais hipóteses.

Não é difícil supor também que as manicures não recebem vale transporte, ou vale alimentação, não possuem direito às férias remuneradas, dia de folga remunerado, décimo terceiro salário, e recolhimento para o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), não podem solicitar seguro-desemprego em caso de rescisão de contrato, afinal de contas, elas são “profissionais autônomas”. Numa lógica geral, quanto mais horas trabalharem, mais elas podem receber. Assim, nesses anos todos que estou ao lado delas, pude perceber que pouquíssimas manicures conseguem tirar pelo menos uma semana de folga por ano para descansarem. Nunca soube de alguma que tenha tirado um mês inteiro de férias. Quis deixar isso registrado para que fique evidente que a situação delas não é nada confortável no que diz respeito às condições de trabalho, qualidade de vida e seguridade social.

A Lei do Salão Parceiro está atualmente sendo julgada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), através de uma Ação Direta de Inconstitucionalidade ajuizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Turismo e Hospitalidade (Contratuh), confederação que representa os sindicatos de trabalhadores do ramo da beleza no Brasil. O Ministro Edson Facchin, relator do processo, já votou favorável ao pedido da entidade sindical, concordando com o teor inconstitucional da Lei.

Na petição, a Contratuh alega que os contratos de trabalho estabelecidos entre salão e profissional-parceiro, transformam empregados em “empresários fictícios”. Já as empresas do setor dizem que derrubar a Lei seria um retrocesso, pois os dispositivos legais vieram para formalizar as relações que já existiam, e diminuir impostos indevidos. Na cidade de São Paulo (SP), a categoria já era formalizada desde 2012 e tais trabalhadores perderam os direitos garantidos pela CLT. Existe um movimento no Congresso Nacional protagonizado pelo deputado federal Ricardo Izar (Partido Progressista -SP) para defender a manutenção da Lei e os interesses dos empresários. Nada está garantido até o momento, o processo no STF está na fila para julgamento.

No que concerne às manicures, me parece que elas aderiram ao título de MEI por falta de escolha. Ao longo de suas carreiras, minhas interlocutoras aprenderam que

ser uma profissional autônoma pode ser vantajoso, porque quanto mais trabalham, mais ganham. Há uma ou duas décadas atrás, elas chegavam a receber R\$ 2.000,00 por quinzena sem se preocupar em pagar impostos por isso, apenas a contribuição individual e espontânea do INSS, esse tipo de vantagem acabou criando uma memória na categoria. Hoje elas ainda esperaram receber essa mesma quantia que nunca vem, o fluxo de clientela caiu drasticamente, e se mantém baixo desde meados de 2015. Do jeito que a história foi contada, parece que não há outra alternativa que possa ser pensada para os trabalhadores de salão, ou eles aceitavam ser MEI, ou estariam sendo injustos por não pagarem impostos. O medo das manicures, na realidade, é a redução de renda. A convenção proposta pelo sindicato da categoria em Florianópolis fixou o salário mensal das manicures com carteira assinada em R\$ 1.671,00, o que é menos do que elas esperam, ainda mais para ter que lidar com um engessamento de práticas laborais que até então possuem uma noção falaciosa de liberdade.

Não tenho condições de dizer o que é melhor para as manicures, só sei que a maioria não gosta da ideia de ter que assinar a carteira e perder suas possibilidades de conseguir juntar mais dinheiro no trabalho. Talvez fosse interessante pensar em um sistema híbrido de remuneração com carteira assinada, onde seria instituído um valor mínimo de salário, como o descrito acima, e permanecesse, concomitantemente, o sistema de comissões por porcentagem de serviço. Se elas não alcançassem o valor da remuneração preestabelecido, ficariam pelo menos com uma quantia com a qual poderiam contar. Além disso, estariam melhor asseguradas no que diz respeito aos direitos trabalhistas estabelecidos pela CLT.

Esse capítulo foi o mais exaustivo de escrever. Me vi perdido diversas vezes, as palavras me fugiam, eu não conseguia articular uma ideia na outra. A princípio pensei que fosse por conta do cansaço, por não conseguir mais dar atenção ao tema, mas depois entendi que todas as coisas que descrevi aqui eram indigestas, e todas as vezes que retornei a essas páginas senti desconforto. Sigo ainda desconfiado do que fui capaz de produzir, mas finalizo porque preciso, porque pensar demais nas dores é vivenciar constantemente o sofrimento.

Finalizo, portanto, dizendo simplesmente aquilo que num mundo ideal não precisaria ser dito; que as manicures merecem respeito, saúde, estabilidade financeira, e seguridade social. Essas mulheres trabalham tanto, aprendem na mesma intensidade, e compartilham ainda mais, não é justo que recebam em retribuição tanta violência.

8. CONCLUSÃO

Estar lá e não conseguir ver, ouvir, ou sentir o espaço cotidiano e sua profundidade, com todas as suas nuances, tonalidades, formas e sons, é uma característica triste dos nossos tempos. Os ritmos e fluxos da cidade exigem que você se movimente rapidamente entre os cenários, além disso, a exaustão da rotina, as máscaras que vestimos para dar conta dos papéis sociais que nos cabem, e a falta de empatia com as pessoas que estão à nossa volta, fazem com que “estar lá” não signifique, necessariamente, conhecer os espaços que nos pertencem. O salão de beleza é familiar para mim, há seis anos lhe visito diariamente, participo de tantos burburinhos e fofocas quanto consigo, dou sorrisos amarelos e forçados para as clientes, ouço coisas que não posso responder, às vezes, entretanto, prefiro ficar quieto no meu canto, mas não por muito tempo, sempre tem uma colega para segurar minha mão e tentar melhorar o meu dia. Embora o envolvimento com o espaço e com as pessoas seja intenso (não teria como ser diferente); hoje percebo que eu não conhecia o salão, sequer conhecia as pessoas com as quais trocava afetos durante todo esse tempo.

A cidade à primeira vista pode parecer um conglomerado de relações desconexas, desordeiras, com trânsitos confusos e barulhentos. O excesso de estímulo que recebemos diariamente pode ser opressivo às nossas capacidades perceptivas. Entretanto, se nos concentramos atentamente aos pequenos detalhes desse cenário caótico, dispostos a organizar um número pequeno de relações, buscar o sentido implícito no encontro das pessoas, educando vagarosamente nossa atenção para receber informações valiosas, seremos, então, capazes de conhecer de corpo e alma àquilo que antes parecia banal, encontrando a coerência que existe por trás de cada trama social que acontece na cidade.

As manicures abriram carinhosamente as portas do seu mundo para mim, expuseram suas intimidades, me ensinaram que fazer as unhas é um conjunto de práticas que se aprende todos os dias, que se reinventa constantemente, que exige a incorporação de habilidades técnicas, sensibilidade no toque, articulação de palavras e fabricação de ficções partilhadas. Fazer as unhas é arte, é uma forma de se comunicar e agir, é um diálogo constante com representações e imagens que circulam no tecido social do país. O material de trabalho é sempre diverso, o tratamento é para embelezar as unhas, mas as unhas em si representam uma parte muito pequena do que é mobilizado para dar

seguimento ao serviço. As manicures desenvolvem destreza para manusear instrumentos cortantes, adquirem conhecimentos que lhes permite expandir a mente, e, além disso, encenam um atendimento agradável para suas clientes com o que lhes é oferecido de forma imediata, na conversação, demonstrando como fazer as unhas também perpassa por uma necessidade de criar táticas de circulação de palavras num jogo de improvisação e convencimento.

A disposição para investigar as formas de sociabilidades no salão de beleza me auxiliou num caminho de autoconhecimento, no desenvolvimento de uma estrutura interpretativa que pude utilizar para entender melhor os laços afetivos que se constituem no espaço e no grupo dos quais pertenço. A experiência cultural vivida por nós se constrói através de trocas de vocabulários, de presentes, do cuidado mútuo, e de uma rede apoio que encontra na fofoca, e na jocosidade com que lidamos com os conflitos, um meio para transpor momento de dificuldades e encarar a jornada diária de trabalho com mais leveza.

Entretanto, não existe a possibilidade de falar somente sobre os aspectos felizes do fazer as unhas. As manicures passam por inúmeras situações de violências e dores no exercício de sua profissão. Compreendi que ser manicure é carregar um estigma social, pois muitas clientes buscam uma conexão com elas apenas quando lhes convém, de modo que, se cruzarem com a pessoa que lhes atende há anos, com quem compartilham segredos e intimidades, em algum outro espaço público, elas fingem que não as conhecem. Além disso, a maior parte do grupo de minhas interlocutoras adquiriu doenças em decorrência das atividades laborais diárias que desempenha, sendo as mais comuns delas, problemas relacionados à coluna e às articulações.

No que diz respeito às políticas públicas que regulamentam o trabalho das manicures, descobri que o dispositivo legal popularmente conhecido como Lei do Salão Parceiro, sancionado em 2016 pelo Presidente da República Michel Temer, foi formulado para atender, principalmente, uma demanda do empresariado brasileiro do setor de beleza que queria diminuir os custos operacionais referentes ao recolhimento tributário da União. Em termos práticos, essa mudança acabou trazendo mais gastos para as manicures que, além de terem que correr atrás de serviços contábeis, tiveram também que aprender a lidar com uma linguagem burocrática que antes não lhes era colocada, tudo isso sem receber ajuda institucional. No momento a Lei do Salão Parceiro enfrenta uma Ação de Inconstitucionalidade que tramita no STF. Segundo o entendimento do relator do processo, as relações de trabalho que se estabelecem nos salões de beleza caracterizam o vínculo empregatício, uma vez que, os profissionais do ramo precisam seguir estritamente

o que é determinado em contrato com a empresa, sem grande poder de barganha. Cabeleireiros e manicures são lidos por nós como “profissionais autônomos”, mas, na maioria das vezes, não podem escolher sequer seu dia de folga, seu horário de almoço, e por aí vai.

Este trabalho não pretendeu encerrar a discussão acerca de tais violências institucionais, afinal de contas, para se aproximar de uma argumentação de forma consistente e robusta demandaria mais tempo de pesquisa, do qual, infelizmente, não disponho no momento. Mas espero que alguns apontamentos que levantei me sejam úteis para formular novas perguntas, quem sabe, na elaboração de um futuro projeto investigativo.

Finalizo lembrando a real relevância deste escrito; estudar as práticas cotidianas e suas miudezas é essencial para entendermos os significados e contextos das relações socioculturais em sociedades urbanas. Pesquisar o que se expressa para além do que é evidente às nossas percepções, nos permite remontar uma memória coletiva da cidade, circunscrita por trajetórias que podem parecer desconexas à primeira vista, mas que se inventam no entrelace de conflitos, trocas e negociações entre subjetividades e discursos, afetando a realidade social de diversos atores numa extensa rede de relações.

O que me motivou foi a disposição para conhecer o outro e promover conhecimento de forma humanizada, tendo como premissa básica uma ética de busca incessante por mecanismos que favoreçam o desenvolvimento da justiça social e o respeito às diferenças.

A importância dessa pesquisa se deu também no esforço necessário de ouvirmos as vozes dos trabalhadores urbanos, sobretudo aqueles que muitas vezes passam despercebidos nos ritmos e fluxos rápidos dos movimentos da cidade, como as manicures. Elas que atuam no mercado de forma “autônoma”, enfrentando toda a precariedade e o estigma social de sua categoria, mas, ainda assim, assumindo maneiras inventivas e concretas de lidar com os desafios diários, e aproveitando os laços que formam nesse percurso. Meu convite é para ouvirmos as tantas outras coisas que elas ainda têm a nos dizer, entender seus projetos e possibilidades (VELHO, 2003), anseios e resignações, afetos e desafetos, prazeres e dores.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, B.K. Fading, Twisting, and Weaving: An Interpretive Ethnography of the Black Barbershop as Cultural Space. **Qualitative Inquiry**, v. 9, ano 1, n. 1, p. 105-128, 2003.
- BRASÍLIA, LEI Nº 13.352, DE 27 DE OUTUBRO DE 2016. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13352.htm > Acesso dia 12/05/2021.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. A Invenção do cotidiano vol. 2. Editora Vozes, 2011
- CERTEAU, Michel: A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COLLINS, Patricia Hill. Black feminist thought. London; New York: Routledge, 2000.
- CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.37, p. 5 – 16, maio, 1981.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. “Être Affecté”. In: Gradhiva: **Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie**, 8. pp. 3-9
- FONSECA, Claudia. Família, Fofoca e Honra. Porto Alegre (RS), UFRGS EDITORA, 2000.
- GONZALEZ, LÊlia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Estudos Sociais Hoje**, Brasília: ANPOCS, p. 223- 244, 1984
- hooks, bell. Ain’t I a woman. Black women and feminism. London: Pluto Press, 1982.
- INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, 33(1), 2010.
- INGOLD, T. Materials against materiality. **Archaeological Dialogues**, 14 (1), p. 1 – 16, 2007.
- LAGROU, Els. A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre). **Topbooks Editora**, 2007.

LEROI-GOURHAN, André. Evolução e Técnicas I – O homem e a matéria. **Edições 70**, 1945.

LIMA, T.S. O Campo e a Escrita: Relações Incertas. **Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlos - SP, v. 5, n. 2, p. 9-13, dez 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo e Sociedade**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81 – 95, 2003.

MARQUES, Lucas. Na oficina do Diabo: ritmos, sinergias e transformações na ferramentaria de orixás na Bahia. **Técnica e Transformação**, cap. 12, p. 351 – 374, 2017.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, vol. 2, São Paulo, **EDU/EDUSP**, 1974.

NASSAR, Raduan. Lavoura arcaica. **Companhia das Letras**, 1989.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Lévi-Strauss: razão e sensibilidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1999, v. 42, nº 1 e 2

SENNETT, Richard. O Artífice. **Editora Record**, 2012.

SIMMEL, G. A sociabilidade. Exemplo de sociologia pura ou formal. In: Questões fundamentais da sociologia: sujeito e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar**, 2006.

SIMMEL, G. Simmel e a modernidade. Brasília: **Editora Universidade de Brasília**, 2005.

SIMMEL, Georg. Sociologia. Em: MORAES FILHO, Evaristo (org). São Paulo: **Atica** 1983.

VEDANA, Viviane. Técnicas corporais e ritmos do trabalho nos mercados de rua: um ensaio sobre a relação entre gestos corporais e atos de fala. São Leopoldo – RS, **Editora Óikos Ltda.**, 2017.

VELHO, G. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar Ed.**, 2003.

VILLARI, Rafael Andrés. É possível uma história da histeria? Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, **EDUFSC**, n. 29, p. 131 – 145, 2001.

WEID, Olivia von der. O corpo estendido de cegos: cognição, ambiente, acoplamentos. **Sociologia&Antropologia**. Rio de Janeiro, v. 05.03, p. 935 – 960, 2015.

10. ANEXOS

IMAGEM 1: AS MANICURES



IMAGEM 2: UNHAS ALONGADAS (FIBRA DE VIDRO)



IMAGEM 3: CONECTADAS PELAS MÃOS



IMAGEM 4: A CONCENTRAÇÃO



IMAGEM 5: O ESPAÇO



NOME FICTÍCIO	IDADE	RAÇA	RELIGIÃO	NATURALIDADE	TEMPO DE ATUAÇÃO	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE
FRIDA	30	NEGRA	CATÓLICA	SANTANA - AP	17	SOLTEIRA	SUPERIOR COMPLETO
CLARA	33	BRANCA	UMBANDISTA	FLORIANÓPOLIS - SC	16	SOLTEIRA	SUPERIOR COMPLETO
VITÓRIA	37	NEGRA	UMBANDISTA	SANTA MARIA - RS	12	SOLTEIRA	MÉDIO INCOMPLETO
MILENA	42	BRANCA	CATÓLICA	PORTO ALEGRE - RS	30	SOLTEIRA	MÉDIO INCOMPLETO
LEANDRA	43	BRANCA	NÃO DECLARADA	JACUPIRANGA - SP	25	CASADA	SUPERIOR INCOMPLETO
ROBERTA	44	BRANCA	CATÓLICA	FLORIANÓPOLIS - SC	26	CASADA	MÉDIO COMPLETO
QUIARA	45	BRANCA	EVANGÉLICA	CORONEL FREITAS - SC	15	DIVORCIADA	MÉDIO COMPLETO
ANA	48	BRANCA	CATÓLICA	FLORIANÓPOLIS - SC	24	CASADA	MÉDIO COMPLETO
MÔNICA	51	BRANCA	CATÓLICA	FLORIANÓPOLIS - SC	27	CASADA	MÉDIO COMPLETO